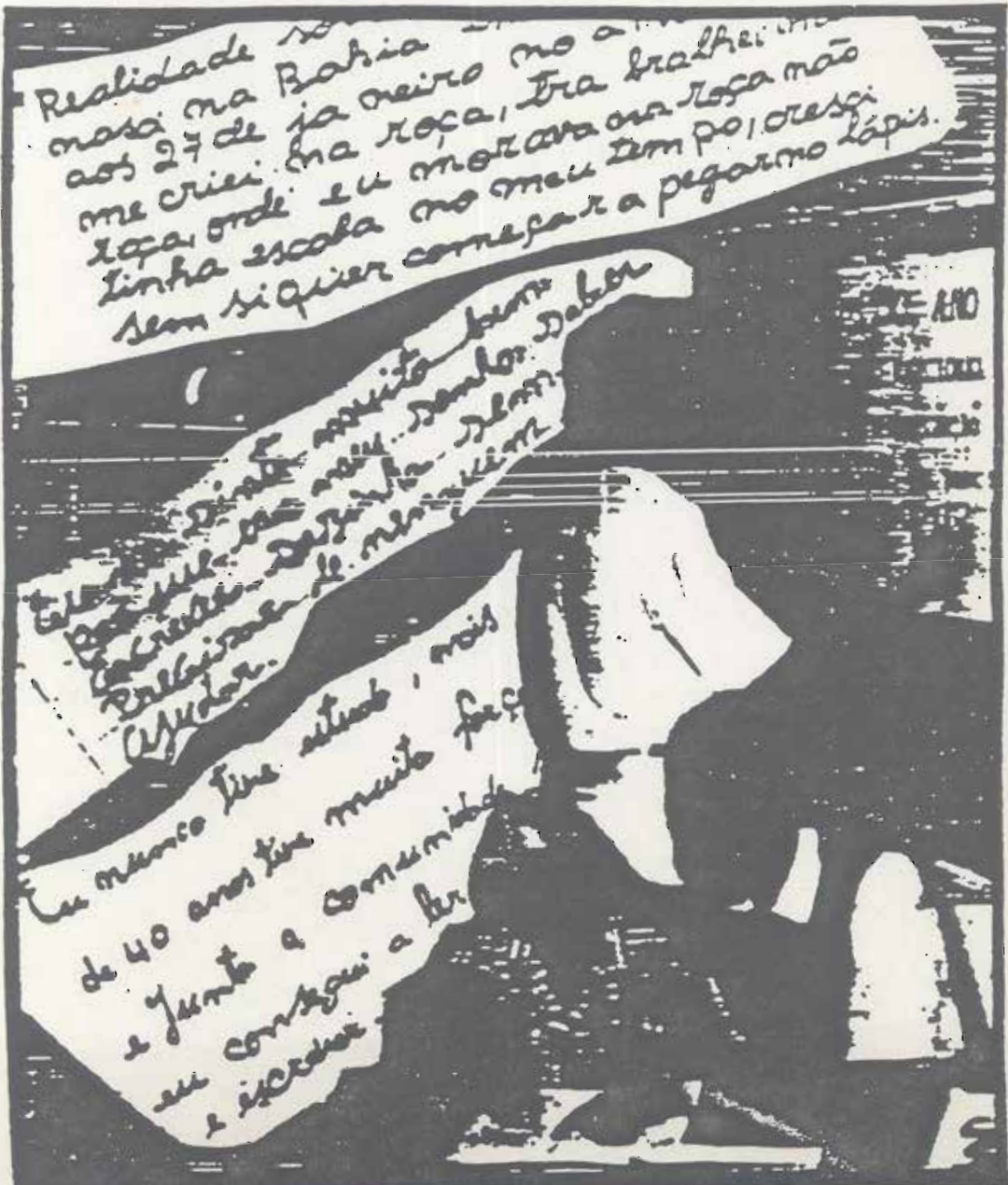




Os dez anos de Alfabetização no Embu



Os dez anos de alfabetização no Embu

cepis

CENTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR DO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE



OS DEZ ANOS DE ALFABETIZAÇÃO NO EMBU

CEPIS

Rua Ministro Godói, 1484

São Paulo — SP

☎ (011) 864-6162

Edições Loyola

Rua 1822 n° 347 — Ipiranga

04216-000 São Paulo — SP

Caixa Postal 42.335

04299-970 São Paulo — SP

☎ (011) 914-1922

FAX: (011) 63-4275

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico, ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN: 85-15-01243-X

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1995.

CEPIS
CENTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR DO INSTITUTO
SEDES SAPIENTIAE

OS DEZ ANOS DE ALFABETIZAÇÃO NO EMBU





ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	7
APRESENTAÇÃO	9

1ª PARTE: DIRETRIZES DO TRABALHO

1. HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO EMBU	13
2. ALFABETIZAR — ATO DE CONSTRUIR OU DE INIBIR?	15
3. VIVENDO E APRENDENDO	17
4. "LEITURA DO MUNDO" — LEITURA DA PALAVRA	21
5. COMEÇANDO O TRABALHO	23
5.1 Partindo do que o aluno já sabe	23
5.2 Por que definir o nível de escrita de cada alfabetizando	24
5.3 Os níveis de conhecimento da escrita	24
6. O NOME DO ALUNO	31
O Nome — identidade de cada um	32
Atividades com os nomes dos alunos	32

2ª PARTE: A PALAVRA DOS ALFABETIZANDOS

1. A LUTA DO ANALFABETISMO	39
2. MINHA VIDA	41
3. "A CANETA E A ENXADA"	43
4. A VIDA DO TRABALHADOR	45
5. MOVIMENTO POPULAR E ALFABETIZAÇÃO	47
6. FESTAS JUNINAS	51
Festa no Interior	52
(Redação Coletiva)	52
7. "NOITE DE LUA"	55
A produção de Textos	57

6

8. O NEGRO	50
9. O CAPIM	61
10. O PACOTE E AS ELEIÇÕES	65
11. "O REI CAFÉ"	67
12. O NATAL	71
13. REDAÇÃO LIVRE	73

3ª PARTE: ATIVIDADES EM SALA DE AULA

ATIVIDADES	81
------------------	----

AGRADECIMENTOS

A Ir. Iolanda Setúbal, que deu início ao trabalho de alfabetização do Cepis.

A Maria Aparecida Romano, que, de onde está, deve acompanhar com alegria o nascimento deste livro, fruto também de seu trabalho com o povo.

À AEC do Brasil, pelo financiamento do projeto.

A Elisete Marta Denadai Haidar, pelo incentivo.

A todos os educandos e educadores que participaram deste processo.

ORGANIZADORAS:

Annette Marlene Fernandes de Mello
Rosa Maria Clivelente Horta
Maria Aparecida Antunes Horta

APRESENTAÇÃO

No decorrer de 1990 amadureceu entre nós, monitores de alfabetização do Embu, a idéia de publicar um livro contando a experiência de dez anos de trabalho de educação popular no Município. Esse trabalho foi resultado direto da necessidade sentida pelos agentes de pastoral e participantes do Movimento Popular, que viam o seu crescimento limitado pela participação de muitos analfabetos. Nas Comunidades de Base, o problema também era sentido: as pessoas recusavam o folheto para acompanhar as celebrações e não se sentiam à vontade nos grupos de reflexão, que se reuniam principalmente no tempo de Natal e Campanha da Fraternidade.

1^a P A R T E

DIRETRIZES
DO
TRABALHO

HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO EMBU

A alfabetização no Embu, com o apoio e orientação do Cepis, teve início em 1981 nos centros comunitários do Jardim Sílvia, Jardim Valo Verde e Jardim Independência. No início éramos: Miúra, seminarista, Irmã Marina, Augusta, Margarida e eu, Ana Maria.

A equipe de coordenação da Paróquia Todos os Santos, analisando a situação das comunidades e dos movimentos, pensou na necessidade de se iniciar uma alfabetização que não fugisse da realidade, quer dizer, que estivesse ligada à vida do povo. Percebíamos que o Mobral era um jeito que o governo tinha achado para deixar ainda mais "tapada" a cabeça do povo. Pedimos, então, a assessoria do Cepis, que enviou a Maria Aparecida F. Romano para dar o curso de capacitação de monitores.

Eu já tinha uma experiência em alfabetização desde 1978, dentro de uma fábrica de fios — Real. Era monitora numa classe de vinte operários. Homens cansados do trabalho, mas cheios de boa vontade. Eu era obrigada a seguir o programa do Mobral, mas mudava o que podia, pois já tinha alguma noção do método Paulo Freire. Quando a supervisora do Mobral passava, a gente disfarçava. Foi um dos trabalhos mais bonitos que fiz. Hoje ainda me lembro dos rostos e dos nomes dos alunos.

Em 1982, sob a orientação do Cepis, comecei um trabalho na CEB do Jardim Sílvia, onde morava. A experiência deu muitos frutos! Desse grupo saiu a (SAB) Sociedade Amigos do Bairro; o Clube de Mães; a luta por creche. Atualmente, são antigas monitoras e alunas de alfabetização que dirigem a creche do bairro. Até hoje muitos procuram a alfabetização, pois os cursos noturnos do Estado não se interessam pelos analfabetos adultos.

Desde a primeira semana, Margarida, monitora da Comunidade Santa Emília, começou a trabalhar os slides da realidade, cenas da vida nordestina, que provocavam a "fala" dos alunos. O debate era animado; cada um falava da sua terra, dos costumes, das festas. Às vezes discordavam dos termos, pois em cada lugar as coisas tinham nomes diferentes. O "slide" da Casa de Farinha, por exemplo, dava margem a muita conversa — "mandioca", "aipim", ou "macaxeira" para fazer farinha, e o jeito de fazer também mudava, de acordo com o lugar. Aprendemos muito com eles.

Os nordestinos gostavam muito da "leitura do mundo". Na troca de experiências conseguiam resgatar suas histórias de vida, recuperar suas raízes.

Nós não nos sentíamos como professoras. A gente conversava muito e era amiga de todos.

Acreditamos que com essa maneira de trabalhar em educação, conseguimos valorizar pessoas, o seu saber. O importante que nós aprendemos

com o prof. Paulo Freire e que o ponto de partida deve ser sempre a realidade do aluno, o seu dia-a-dia. A partir daí, ele vai ampliando sua visão e percebendo que muitos compartilham as mesmas condições de vida. Ao mesmo tempo vai percebendo que, com a organização e a luta de todo o povo, essa situação pode ser mudada.

Ana Maria dos Santos
Jardim Sílvia — EMBU

ALFABETIZAR – ATO DE CONSTRUIR OU DE INIBIR?

Nos últimos dez anos, muito se tem escrito sobre alfabetização. Muitas perguntas têm sido feitas. Quem deve alfabetizar? É a ação de um monitor ou de um professor? É também a ação do aluno, seja adulto, seja criança?

Com a contribuição de psicólogos, lingüistas, pedagogos e também pela prática em sala de aula, sabemos hoje que a alfabetização se dá numa ação conjunta. O aluno, quando chega, já domina a "fala". Cabe ao professor criar as condições favoráveis para que o educando possa, aos poucos, dominar o código-escrita.

Fala-se muito em método. Há professores que dizem com orgulho: "Eu tenho o meu método!" Mas só a aplicação de um método é suficiente? Acreditamos que não. E por isso relatamos aqui o que aconteceu com um dos grupos de alfabetização do Embu, em 1988.

Os dois monitores do Grupo e os alunos se juntaram à população do bairro para lutar pelo supletivo noturno. E conseguiram. Os alunos da alfabetização, felizes com a vitória, passaram então a frequentar o supletivo. Mas logo ao iniciar o curso tiveram uma desagradável surpresa. Eles, que já tinham alcançado o nível alfabético de escrita, tiveram de voltar para trás, como se nunca tivessem frequentado uma escola. Vamos dar o exemplo de D^a Josefa. Ela havia deixado registradas no nosso caderno de classe várias redações.

Vamos aqui transcrever uma delas, em que resgata sua história de vida.

Bebãq da minha terra Baíha
a onde eu masi Baíha terra
de sermoxa Hoje cinto
saldade e não poro volta
masi micribe a pedi
alutar yito com meu pai
e meus irmão

trabalhamo marosa
para planta milho e
feijão e mandioca e digo que
a gente vive gente casada
que vive darosa Baíha
terra querida aonde passei
Bom momento da minha vida
dexe meu pai minha mãe
gente querida gente mendas
da silva

turma da noite dia 16
3/88

Como se vê, D^a Josefa estava no nível alfabético. Com o tempo, e sob a orientação de uma professora capacitada, poderia alcançar o nível ortográfico. Mas não foi isso que aconteceu. D^a Josefa e seus colegas de alfabetização tiveram de abandonar aquele exercício de redação livre a que estavam acostumados e foram obrigados a seguir uma cartilha — a mesma usada pelas crianças do período da manhã daquela escola. E em vez de trabalhar com as “palavras-chave” de sua história de vida — “milho”, “feijão”, “mandioca”, “roça”, “pai”, “irmão”, “lutar”, “saúde” — D^a Josefa passou a soletrar palavras como “bola”, “peteca”, “macaco”.

O que aconteceu? Por que esse retrocesso? Falta de método não foi, porque a professora seguia religiosamente a cartilha.

Desse fato podemos concluir que há duas maneiras de alfabetizar. A primeira é a dessa professora, que pode ser chamada de *condutivista*. Ela parte do pressuposto de que o aluno não sabe nada e procura a escola para receber ensinamentos.

— O ponto de partida é a cartilha.

— O processo de aprendizagem se resume na decifração do código que o aluno conhece, que é a escrita, e na leitura desse código.

— Como ele escreverá errado, terá de corrigir sempre, copiando o acerto e eliminando o erro. Ele aprende treinando. Ao professor cabe assinalar o erro do aluno.

Sobre esse tipo de conduta, conta-se a história de uma professora que quando passava reda-

ção para a classe dizia: “É melhor escrever menos para errar pouco!”

A outra maneira de alfabetizar segue a linha *construtivista*. Ela parte do pressuposto de que o aluno não é totalmente analfabeto: ele pega o ônibus para ir ao trabalho, escolhe produtos na prateleira do supermercado, distingue as propagandas, os nomes das lojas, percebe o sentido de letreiros, de cartazes...

— O ponto de partida, nessa segunda proposta, é a realidade do aluno, aquilo que constitui seu universo vocabular e pelo que ele se interessa: documentos pessoais, seu nome, nome das pessoas da família, contas de luz, de água, as cartas que recebe, produtos que ele deve comprar, sua história de vida, suas dificuldades, projetos...

— Nessa proposta, o importante a considerar é, antes de tudo, o sentido, o significado que as palavras têm para o aluno, e depois passar à decifração do código-escrita. O monitor irá assim incentivar a “fala” do aluno e ajudá-lo, aos poucos, a transcrever essa fala para o código-escrita.

— Como o aluno parte sempre do que sabe para aquilo que quer aprender, seu processo de aprendizagem será *construtivista*. Ele construirá aos poucos a sua escrita.

— Seus erros serão considerados *erros construtivos*, porque ele estará vencendo etapas ao escrever, até alcançar o nível ortográfico; nesse processo, ele mesmo irá corrigindo sua escrita.



VIVENDO E APRENDENDO

Os monitores são na maioria mulheres, que se repartem em muitas: mãe, esposa, dona de casa, catequista, alfabetizadora, militante da esperança.

Que força as impulsiona? De que são feitas essas mulheres?

As respostas estão nestas histórias de vida que elas mesmas contaram:

Jeane trabalha em uma creche das dez da manhã às seis da tarde; depois, deixa em casa as crianças e as suas coisas, pega seu material e vai alfabetizar. Fica feliz quando encontra sua sala de aula cheia de alunos.

Edite trabalha na Comunidade, na Sociedade Amigos de Bairro, dá escolinha para crianças em sua casa e alfabetiza adultos. Tem orgulho de tudo o que faz.

Geuda participa da Comunidade do Valo Verde, é monitora de alfabetização há dois anos e gosta muito desse trabalho. Também participa no grupo de tecelagem. E, como ela diz, gosta tanto de viver sorrindo para todos e é tão feliz com tudo, que quando tem tempo escreve versinhos como estes:

O rio vive no torno
O peixe vive no mar
Eu vivo neste mundo
Somente pra te amar.

A fita para ser fita
Não precisa duas cores
O homem para ser homem
Não precisa dois amores.

A *Odilene*, quando foi morar no Bairro do Jardim Casa Branca, começou a freqüentar as missas e celebrações na Sociedade de Bairro, espaço cedido à Comunidade de São Sebastião. Ao término de um encontro realizado em sua casa, começou a acompanhar o Grupo Eclesial de Base. Foi convidada a trabalhar com a Alfabetização de Adultos. Ia conhecendo as pessoas à medida que as visitava para convidá-las a estudar. Sua classe teve início no dia 30 de maio de 1988, com 25 adultos, todos trabalhadores. Após o curso de capacitação que fez no Cepis, passou a ter segurança em seu trabalho, que considera "uma das lutas conquistadas dentro de sua comunidade". A necessidade de desenvolver esse trabalho transformador da realidade social e política — bem como seu espírito de luta — levou-a a continuar os estudos.

Conceição nasceu em Minas Gerais. Não conheceu nem pai nem mãe e foi criada na roça pelo tio. Com quinze anos, veio para São Paulo. Traba-

lhou muito tempo numa casa de família, onde foi muito explorada. Estudou até a 5ª série ginásial. Começou a participar do Clube de Mães do Valo Verde, passou pela Liturgia e depois iniciou o trabalho de Alfabetização de Adultos. Tem cinco filhos. "Toda a vida", diz ela, "quis ser uma pessoa que pudesse ajudar todo mundo." Agora, surgiu a oportunidade. Começou a ensinar adultos a ler e escrever, e assegura que aprendeu muito com eles.

A Nice é do interior da Bahia; seus pais trabalhavam na roça para um fazendeiro. Tentando melhorar de vida, foram para Salvador. Lá, moraram num quarto emprestado e depois foram contratados por um fazendeiro advogado para cuidar de uma fazenda que ele possuía em Candeias. Depois de uns quatro anos de muita exploração, seus pais foram despedidos sem receber absolutamente nada. O tio fez reclamação no Ministério do Trabalho e seu pai ganhou a causa. Com o dinheiro, compraram um pequeno lote perto da cidade, onde foram morar. Ali Nice entrou na escola. A família passava dificuldades, até fome. Conseguiu chegar até a 7ª série. Aos quinze anos casou-se, aos dezesseis teve o primeiro filho, aos dezessete, o segundo. Em 1973 veio para São Paulo, unindo-se ao marido que viera antes. Em 1978, com mais um filho, mudaram-se para o Embu. Em 1983, Nice começou a participar da Comunidade e não parou mais. Colabora com alguns trabalhos, como o Grupo de Mulheres, Crisma, Liturgia, e há quase dois anos com a Alfabetização de Adultos.

Glória nunca se afastou da Comunidade. Em São Pedro, na Bahia, participou dos cultos dominicais, pois era difícil o padre ir celebrar missa. Passava a semana trabalhando na roça. Depois que fez a 5ª série, não pôde mais estudar e arranhou uma vaga na prefeitura, para trabalhar com as crianças que moravam na roça e não tinham acesso à escola.

Em 1976, veio para Diadema; em 1978, para o Embu, onde começou a participar do Clube de Mães do Valo Verde. Passou a freqüentar o Grupo de Mulheres e continua ativa nas celebrações e na alfabetização. Glória afirma que "a luta continua" e acrescenta, na história que fez de sua participação na Comunidade, estes versos:

Papai com trinta anos
Nos deixou grande saudade
Porque Deus fez outro plano
E o levou pra eternidade.

Mamãe com 25 anos
É cinco filhos pra criar
Com uma humilde casinha
É a roça pra trabalhar.

Eu sendo a mais velha
Com sete anos de idade
Comecei para uma longe escola
Com muita dificuldade.

Tudo passou muito lento
Foi muito sofrimento
As esperanças das roças
A chuva era pouca e o sol quente.

Agora tudo mudou
Gosto de rezar e trabalhar
E ajudar o próximo
Estou no Clube de Mães
Celebração e Alfabetização.

Minha cabeça gira como uma bola
Filhos pra ir à escola
O pequeno pede colo
Ainda é o marido que bebe
Pra completar a sacola.

No relato dos monitores, fica evidente a alegria com que realizam o trabalho de alfabetização. No contato com os alunos, eles resgatam não só a dignidade e o valor pessoal de cada um como também o seu próprio valor, a sua própria dignidade de seres humanos, quem sabe quantas vezes humilhados e espezinhados.

Tenho só alunas donas de casa que não tiveram oportunidade de ir à escola. Está sendo muito gratificante, sinto-me muito feliz a cada nova palavra que elas aprendem, a cada frase que conseguem passar para o papel. (Nice)

... está sendo difícil, mas gosto muito, pois sinto prazer em compartilhar com os outros o que sei. E fico muito feliz quando chego na sala e está cheia de alunos. (Jéane Alves)

Quase todos ressaltam quanto aprendem com o alfabetizando:

É um universo novo para mim, aprendo muito com os alunos. (Nice)

Quando pedimos para falar da terra de cada um, a gente fica sabendo de muita coisa. Como quando trabalhamos a festa junina. Foi tão divertido! (Maria Conceição)

Gostei muito de ingressar na alfabetização porque a gente vai vivendo e aprendendo, fazendo novas amizades. (Maria Conceição)

Também se referem ao clima de amizade, de companheirismo que se estabelece entre o monitor popular e os alfabetizandos:

Minhas alunas e eu temos um tratamento de muito respeito. Procuo sempre ver as dificuldades de cada uma, na alfabetização ou na vida pessoal. (Nice)

Todos se dão conta da importância de seu trabalho na criação de uma consciência crítica e no fortalecimento dos movimentos populares.

Sempre tento que elas vejam as coisas que estão acontecendo à sua volta, ou seja, procuro sempre fazer com que elas tirem a venda dos olhos. (Nice)

Tive a satisfação de saber que as pessoas que deixam a alfabetização dão continuidade aos estudos. Elas participam de movimentos populares. A alfabetização fortaleceu os trabalhos comunitários e populares dentro dos bairros, nas SABs, nos sindicatos. (Ivanilda)

A alfabetização é uma das lutas conquistadas dentro da nossa Comunidade. Foi através desse espírito de luta que também passei a continuar meus estudos, sentindo necessidade de desenvolver esse trabalho transformador dentro da realidade física, social e política. (Odilene)

E, também, têm sempre presente a importância histórica de seu trabalho, como bem sintetizam os monitores Ivanilda e Luiz:

A iniciativa de trabalhar com adultos surgiu de minha própria família. Minha mãe era completamente analfabeta e meu pai, semi. Só então percebi que, além de crianças alfabetizadas para construir o futuro, deveríamos alfabetizar o adulto para resgatar o passado, registrar e mudar o presente. (Ivanilda)

O que nós trabalhamos, o que conseguimos desenvolver este ano foi o senso crítico e político, além da leitura e da escrita.

Dentro da sala de aula, cada aluno colocava os seus problemas: falta de ônibus, salário, as dificuldades de sair cedo para trabalhar e voltar tarde etc.

A partir destes temas foram desenvolvendo discussões e debates que ajudaram na conscientização de todos.

Para ajudar neste trabalho, elaboramos uma pequena peça de teatro. Cada um escolheu a personagem que queria interpretar e trabalhou sua linguagem. A peça se chamou *O povo na política*.

Além de eles mesmos terem trabalhado a linguagem de cada personagem, também se incumbiram de compartilhar tudo aquilo com seus vizinhos e familiares e chamaram outras pessoas para participarem do nosso debate.

Agora, antes de votarem, procuram conhecer a vida de seus candidatos.



"O povo na política"

Sala de aula do Luiz — Jardim Taima

Nós, monitores, estamos muito felizes e otimistas porque, quanto mais pessoas alfabetizarmos, mais estaremos contribuindo para uma nova virada neste nosso Brasil, tão rico de pessoas cheias de idéias que, por não serem alfabetizadas, não conseguem expor estas idéias, achando-se inferiores. (Luiz — Jardim Taima)

O monitor Paulo, de Taboão da Serra, fez uma descrição de como se desenvolve o trabalho de alfabetização na Paróquia São João Batista:

Somos um grupo de pessoas que pertencem à Paróquia São João Batista e que já participaram de outras pastorais em nossas comunidades, e fomos convidados para participar também desse trabalho de Alfabetização de Adultos. Em cinco comunidades dessa paróquia, temos núcleo de Alfa-

betização de adultos, com duas horas por dia e três noites por semana. O número médio de alunos é de dez a trinta por comunidade, com idades de quinze a setenta anos. Atendemos donas de casa, operários, na maioria migrantes nordestinos, num total aproximado de setenta adultos. Como monitores, nos reunimos uma vez por mês

para avaliação dos trabalhos e troca de experiências.

O objetivo do trabalho é que, além de aprenderem a ler e escrever, os alfabetizados criem uma consciência crítica para que possam viver melhor na sociedade, e também tentar formá-los para lutar em movimentos populares. (Paulo — Paróquia São João Batista)



“LEITURA DO MUNDO” — LEITURA DA PALAVRA

Quando iniciamos nossa assessoria às classes populares de alfabetização do Embu, orientávamos os monitores a fazer, antes do início das aulas, uma entrevista com os futuros alfabetizandos a fim de conhecê-los e à sua realidade, extraindo desse contato as palavras que conformariam o “universo-vocabular” do grupo de alunos. A partir dessa pesquisa, elaborávamos “slides” retratando o mundo passado e presente dos alfabetizandos com o objetivo de utilizá-los na “leitura do mundo”. Também elaborávamos “slides” com as “palavras-geradoras” nos quais se baseava o trabalho de alfabetização.

A partir de 1989, entusiasmados com o estudo da contribuição da professora Emília Ferreiro e dos lingüistas ao processo de alfabetização, introduzimos algumas alterações nessa proposta, mantendo, no entanto, o que consideramos fundamental: a) a necessidade de o monitor popular conhecer profundamente a realidade do seu aluno, o que pode ser feito, de início, por meio dessa entrevista; e b) a importância do exercício permanente da “leitura do mundo”, utilizando não somente “slides”, mas também cartazes, fotos de revistas, objetos, gravuras...

Desse modo, enriqueceram-se tanto esse processo inicial como o processo de alfabetização propriamente dito. Este, que se baseava naqueles “slides” e fichas pré-elaboradas, aos quais os monitores se agarravam, limitando a possibilidade de um trabalho criativo, hoje se libertou daquela

nossa “cartilha”, tornando-se mais criativo, dinâmico, e despertando maior participação do educando.

1. O primeiro contato — Os alfabetizadores iniciam o trabalho visitando as pessoas que querem ser alfabetizadas. Os convites são feitos nas Comunidades de Base, nos Movimentos Populares ou por pessoas que já conhecem a alfabetização.

A visita é um momento importante para se conhecerem as condições da família, sua procedência, as dificuldades que enfrenta. Indagamos sobre o passado da pessoa, de onde veio, como era a vida, do que vivia e por que resolveu vir para São Paulo.

É o momento de resgatar a história, conhecer a cultura do alfabetizando, seus valores, seu saber, pois a maioria deles é de migrantes, procedentes

de Minas Gerais e dos estados do Nordeste. Durante a conversa, a pessoa conta por que veio, como foi a mudança, o choque da chegada à cidade grande, as dificuldades enfrentadas. Ela mesma passa a falar do seu presente, de como organizou a vida da família, quantos trabalham, se os filhos estudam. E, falando do presente, diz por que deseja aprender a ler e escrever. O monitor, então, faz as perguntas sobre o que chamamos de futuro, sobre suas perspectivas. Procura saber também se o entrevistado está em algum movimento popular, se participa de algum tipo de organização... de bairro, sindical, por que participa. É para saber se o alfabetizando acredita numa mudança, na força da organização e da luta do povo para a construção de um futuro com mais justiça e igualdade.

2. A "leitura do mundo" — A leitura do mundo, segundo o prof. Paulo Freire, precede a leitura da palavra, e a leitura da palavra está contida na leitura do mundo. A palavra que eu digo sai do mundo que eu estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele e tem vida própria.

O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim.

Diante de um *slide* que mostra uma pracinha qualquer do interior nordestino, por exemplo, os alfabetizando fazem uma leitura a partir daquilo que têm dentro de si, do seu mundo.

Mas, ao fazer essa leitura *subjetiva*, eles estão fazendo, ao mesmo tempo, a leitura de uma realidade que está fora deles, *objetiva*. Momento importante em todo esse processo educativo e cujo êxito depende muito da preparação e da visão do mundo que tem o monitor. Nesses momentos de troca de experiências, de debate, podemos verificar o seguinte:

— ao falar daquilo que é seu, particular, o alfabetizando passa a emitir opiniões sobre uma realidade mais ampla, o grupo social a que pertence e os outros grupos;

— partindo de um conhecimento anterior, de sua vida, sua prática, ele passa a produzir novos conceitos, novos conhecimentos;

— a partir da discussão sobre o cotidiano, ele passa a perceber a relação do seu dia-a-dia com o projeto maior da sociedade nos seus aspectos econômico, político, social.

3. A leitura da palavra — Da "leitura do mundo" saem as palavras do alfabetizando

— carregadas de sentido e escolhidas dentro do seu universo vocabular. Até 1989, utilizávamos exclusivamente fichas contendo as palavras-chave, exercícios variados sobre as famílias das palavras e pequenos textos, de acordo com a palavra escolhida. Procurávamos ordenar essas palavras, partindo do critério da simplicidade para a complexidade fonética e gráfica. Com o tempo, fomos sentindo um certo "desconforto" nessa maneira de trabalhar e um sério desafio.

Enquanto se tratava da "leitura do mundo", da troca de experiências, da escolha das palavras-chave, tudo corria bem. Monitores e alunos se sentiam produzindo um conhecimento riquíssimo, no nível oral. Mas na hora da "escrita" as coisas se complicavam — muitos alunos não tomavam conhecimento das letras ou sílabas ainda não estudadas. Insistiam em redigir, pois a leitura do mundo e o debate os instigavam a "produzir textos". Ivanilda, uma das monitoras, explica a situação:

Começamos a sentir que as fichas restringiam as atividades desenvolvidas em sala de aula. Limitávamo-nos aos exercícios baseados na palavra-chave da semana. Felizmente, com a aplicação da proposta de Emília Ferreiro, tudo mudou. Nós nos tornamos flexíveis no trabalho diário. As atividades, agora, podem surgir com o desencadear de um assunto de interesse do grupo. Um exemplo: um dia, chegou um aluno contando que havia se machucado no serviço e que a firma não tinha tomado nenhuma providência. Isso foi motivo de discussões na classe durante uma semana e vários alunos fizeram redação sobre o assunto.

Para nós, monitores, a mudança foi grande. Estávamos acomodados com o uso das fichas e nossa criatividade ficava bastante limitada. O estudo da contribuição de Emília Ferreiro veio ampliar nosso campo de trabalho. Fomos obrigados a nos atualizar, procurar material, preparar bem as aulas. Da parte dos alunos, sentimos que ficaram mais livres para escrever. Podemos mesmo dizer que eles perderam o medo e a vergonha de escrever.



COMEÇANDO O TRABALHO...

Dos andaimes, das fábricas, das “casas de família”, chegam aqueles que não puderam e agora querem se alfabetizar. Chegam inseguros, envergonhados; mas já trabalharam muito, já aprenderam muitos ofícios, já sofreram demais e sobrevivem na selva da cidade armados precariamente. E trazem consigo algumas letras, a memória dos nomes dos ônibus, das marcas do sabonete, do óleo, do arroz, do feijão, dos candidatos a governador, prefeito, deputado... Falam a sua língua com timidez ou desembaraço, dizem sua palavra, contam sua história.

Vão entendendo, no processo, o tesouro que têm guardado, de trabalho, de sofrimento, de conhecimento da vida. Vão percebendo que ser analfabeto é apenas mais um grilhão que lhes ataram, junto com a casa pobre, a comida escassa, o salário miserável, o transporte ruim e caro, a escola de quinta categoria para seus filhos.

Vão percebendo que a culpa, se é que assim se pode chamar, de seu analfabetismo não está neles mesmos, mas na sociedade injusta em que vivem. Percebem que, se não sabem ler e escrever, são sábios em muitas outras coisas, no conhecimento que têm do mundo e da vida e que adquiriram no seu cotidiano, na luta pela sobrevivência.

Pouco a pouco, por meio da leitura do mundo e da conversa com seus pares, vão recuperando sua auto-estima, sentindo-se gente, erguendo a cabeça e encarando as pessoas face a face, resgatados agora do limbo em que se haviam lançado por causa da discriminação absurda que esta sociedade faz recair sobre o analfabeto.

Neste momento, os alunos podem iniciar seu processo de alfabetização. Ou melhor, auxiliados pelos monitores, podem partir do seu conhecimento maior ou menor da língua escrita para se tornarem plenamente alfabetizados.

5.1 PARTINDO DO QUE O ALUNO JÁ SABE...

O estudo da contribuição de Emília Ferreiro, no entender dos monitores do Embu, ajudou muito em seu trabalho, pois lhes permite acompanhar de perto, por meio de diagnósticos periódicos, a evolução dos alunos no conhecimento da língua escrita.

Antes essa avaliação era muito difícil, pois se partia de um “aprendizado” treinado, memorizado. Se um aluno escrevia uma série de palavras já estudadas, poderia parecer que ele estava se alfabetizando e isso nem sempre era assim. Emília Ferreiro nos ensina que a criança e também o adulto atravessam uma série de níveis ou etapas

no conhecimento da língua escrita, repetindo um pouco a história da humanidade na construção desse conhecimento. O método que o professor utiliza pode acelerar ou retardar esse processo pelo qual se adquire o conhecimento da língua escrita, mas o método em si não cria aprendizagem. A reflexão do aluno sobre a escrita, a formulação de hipóteses, a confrontação de suas hipóteses com a escrita convencional é que vão produzindo o conhecimento. Os monitores devem trabalhar no sentido de colocar o alfabetizando em contato com a escrita convencional, criar atividades que o façam refletir, comparar, diferenciar, discernir, até encontrar as respostas para suas indagações. O professor dirige esse processo, mas é o aluno que constrói o conhecimento.

Esses são os pressupostos da forma como desenvolvemos o trabalho de alfabetização. Partimos dessas certezas. Não temos a pretensão de esgotar o tema neste espaço. Queremos apenas despertar aqueles que nos estão lendo para o estudo e a pesquisa desta contribuição, que foi muito importante para o trabalho no Embu, e, temos certeza, vai ajudar a todos os que estão procurando alternativas e novos caminhos para alfabetização.

5.2 POR QUE DEFINIR O NÍVEL DE ESCRITA DE CADA ALFABETIZANDO

Poder definir o nível de conhecimento da língua escrita de cada um de nossos alunos trouxe muito incentivo ao trabalho de alfabetização. Fez-nos ver que nossos alunos já chegam ao curso de alfabetização sabendo sua língua materna e conhecendo mais ou menos a língua escrita. Isto porque, vivendo numa sociedade letrada, cotidianamente são obrigados a resolver situações que requerem a leitura. O mesmo não se pode dizer de uma pessoa que viva na zona rural, onde o contato com a escrita é menor.

Nosso trabalho se orienta em três direções: no desenvolvimento da *linguagem oral*, da *escrita* e da *leitura*, partindo sempre da realidade dos alunos, seus sonhos, seus projetos, suas alegrias e tristezas. Buscando as causas de cada dificuldade e também o que fazer para trabalhar na sua solução.

Hoje, em nossas classes, escrever é uma satisfação: é colocar nossa palavra para outro ler, é registrar o que pensamos, o que sentimos, o que recordamos, sem a preocupação de escrever pouco para errar pouco. Hoje, nossos alfabetizandos são incentivados a escrever sua palavra com a mesma liberdade com que a dizem em nossas classes.

São incentivados a ler tudo o que possa ser vivenciado como função social da escrita: livros, jornais, cartas, bilhetes, contas de água, luz etc.

Aprender a escrever escrevendo, aprender a ler lendo. Aprender a ler a realidade, a interpretar o mundo à nossa volta, compartilhando, com todos, os nossos conhecimentos, os nossos sentimentos.

É comunhão do suor, do sangue, do riso, do passado, do presente e da esperança no futuro.

5.3 OS NÍVEIS DE CONHECIMENTO DA ESCRITA

A possibilidade de determinar periodicamente o nível de conhecimento da escrita de cada alfabetizando é muito importante para os monitores, permitindo-lhes avaliar se estão trabalhando corretamente, se estão utilizando as atividades adequadas a cada nível, pois será o salto do aluno, dos níveis mais elementares para os mais elaborados de escrita, o termômetro que lhes dirá se estão ou não no caminho certo.

A. O diagnóstico

O diagnóstico para o conhecimento do nível de escrita de cada alfabetizando deve ser feito periodicamente, a cada dois meses por exemplo, dependendo do trabalho desenvolvido. O fundamental para se obter uma resposta correta sobre o nível de cada aluno é incentivá-lo a escrever uma série de palavras relativas a um mesmo tema, e também algumas frases. O monitor deve primeiro procurar deixar o aluno à vontade, sem a preocupação de "errar", e pedir-lhe que escreva a seu modo. O número de sílabas das palavras solicitadas deve variar de 1 a 4. O aluno deverá ler em voz alta o que escreveu, acompanhando a leitura com o dedo ou o lápis.

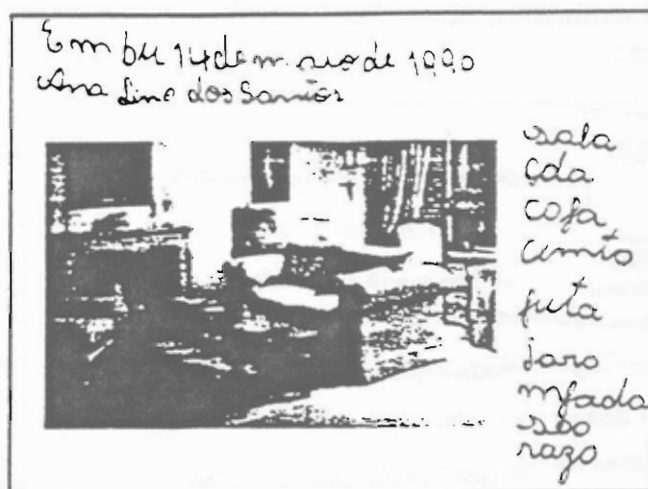
É sabendo como o aluno escreve e como lê o que escreve que o monitor poderá determinar o que este aluno já conhece sobre a escrita. Esse diagnóstico muitas vezes é feito na própria entrevista inicial com o aluno. Isso pode ser feito nos nossos bairros porque, em geral, conhecemos as pessoas que vão começar a frequentar os grupos de alfabetização. Quando isso não é possível, fazemos o diagnóstico nos primeiros dias de aula, individualmente.

Muitas vezes, é difícil definir o nível de conhecimento, porque há alfabetizandos que escre-

vem palavras ortograficamente não porque tenham entendido o processo, mas porque as conhecem de cor. O que nos permite avaliar o nível de conhecimento da escrita do aluno é a possibilidade que ele tem de construir as palavras a partir de sua reflexão, de suas hipóteses.

Com base nessa orientação, duas monitoras do Embu criaram um jeito diferente de fazer o diagnóstico.

Neste ano, trabalhamos com um grupo só de mulheres. As alunas gostaram muito da pesquisa em revistas. Era um motivo para elas conversarem sobre seus gostos, projetos e dificuldades. Então pensamos em aproveitar as revistas para o diagnóstico. As alunas escolhem sua gravura, recortam, colam no caderno e colocam ao lado os nomes dos objetos que nela aparecem. (Geuda e Glória)



B. O nível pré-silábico

Segundo a pesquisa de Emilia Ferreiro, o nível mais elementar de escrita é o chamado pré-silábico. Nesse nível, a criança ou o adulto não descobriram ainda o que a escrita representa, não se deram conta de que representa a fala. Como conhecem algumas letras, principalmente as do seu nome, se solicitados a escrever do seu jeito uma palavra ou uma lista de palavras, tenderão a juntar aleatoriamente essas letras, variando ou não a quantidade de letras usadas, variando sua colocação dentro das palavras. Nesse nível, pode acontecer que o tamanho menor ou maior das palavras corresponda ao tamanho maior ou menor do objeto representado. É o chamado realismo nominal.

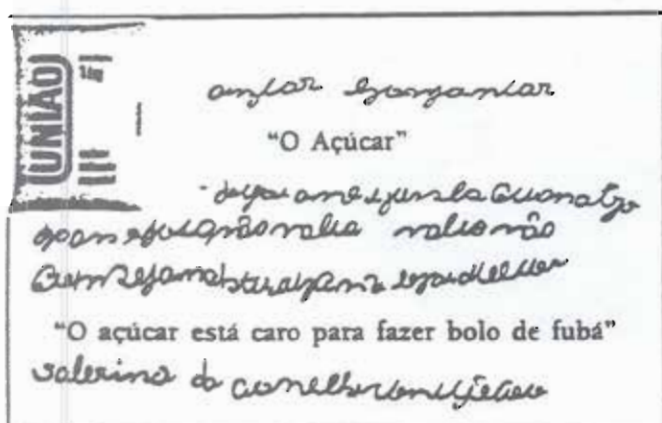
Nessa fase, portanto, a escrita é totalmente arbitrária.

A experiência do último ano nos grupos de alfabetização no Embu nos leva a acreditar que ali são raros os casos de adultos pré-silábicos.

As monitoras Lourdes e Brígida, do Parque Luiza, prepararam vários recortes de revistas com gravuras sugestivas. Deixaram-nas numa caixinha sobre a mesa e pediram aos alunos que escolhessem na caixa o recorte que mais lhes interessasse, que o colassem numa folha e escrevessem o que o recorte lhes sugerisse.

Cada um fez sua redação, independentemente do nível de escrita em que estava.

Escolhemos, dentre esses trabalhos, o de D^a Valerina:



Depois de ter escrito sua redação, chamou a monitora e pediu que ela ouvisse sua leitura. O título era: "O açúcar". E o que ela tinha escrito era o seguinte: "O açúcar está caro para fazer bolo de fubá".

A monitora pediu à aluna que lesse sua redação, indicando o que lia com o dedo, ou com o lápis. A monitora percebeu que ela "escorregou" o dedo no papel, lendo tudo de uma vez, sem separar nem as palavras, nem as sílabas.

D^a Valerina está no nível pré-silábico no mês de março. O que se pode perceber em seu texto?

— Ela escreve uma longa seqüência de letras emendadas, e na leitura se constatou que a representação gráfica não correspondia a nenhum valor sonoro.

— D^a Valerina assina sua redação, sabe bem como escrever seu primeiro nome. Várias letras de seu nome se repetem no texto que redigiu. Mas ela não se deu conta ainda de que a escrita representa a fala.

O fato de esta escrita ser tão arbitrária causa ao aluno sérios conflitos cognitivos, sérias dúvidas e desafios, que vão colocando em cheque sua hipótese e fazendo com que procure novas explicações, novas soluções. O monitor vai trabalhar com este aluno no sentido de acirrar essas dúvidas e levá-lo a perceber que a escrita representa a fala.

A partir do diagnóstico do nível do aluno, o monitor já sabe como trabalhar com ele, que desafios lhe apresentar para que comece a perceber o que a escrita representa. Sabe que trabalhar, por exemplo, com o nome das pessoas ajuda muito nesse processo. Pois, como D^a Valerina, a quase totalidade das pessoas sabe escrever o próprio nome, ainda que de memória, sem compreender o processo.

C. O nível silábico

O alfabetizando alcança o nível silábico quando percebe ou descobre, refletindo, pensando, o que a escrita representa. Ele descobre que as variações de sinais na escrita correspondem a variações sonoras na fala. Sua hipótese é a de que esses sinais gráficos correspondem não a fonemas, mas a sílabas. Ele se preocupa então com o número de letras da palavra e segue à risca uma regra que ele mesmo inventou: um sinal gráfico para cada sílaba.

Nessa etapa, ele já percebe a palavra como um todo constituído de partes que, para ele, são letras representando sílabas.

Ao escrever uma frase, tenderá a usar apenas um sinal gráfico para cada palavra.

cmo = camelo
Cma = camisa
eda = cadeira
l = ler
buna = banana

EU R Z BLO
↓ ↓ ↓ ↓ ↓
Eu estou lavando a casa

Mas, ao escrever desta forma, ele começa a enfrentar dificuldades:

— se ele escreve uma palavra silabicamente, como cma para representar camisa, pode ser que no dia seguinte já tenha dúvidas sobre o que escreveu. Também percebe que outras pessoas não conseguem saber o que está escrito;

— se escreve c m a (para camisa) e depois cma (para caminha), verá que a escrita fica idêntica, o que para ele parece impossível;

— também se verá desafiado em sua hipótese, se confrontar o que escreveu com a escrita ortográfica da monitora, dos livros, das revistas.

Ele passa a não confiar mais na sua hipótese de escrita silábica e começa a procurar saídas para essa situação. Seu conhecimento anterior já não lhe dá respostas e ele terá de refletir muito, elaborar novas hipóteses, fazer novas tentativas para passar ao nível seguinte.

D. O nível silábico-alfabético

Nessa etapa do processo de construção da escrita, o que chama a atenção é a impressão de que o alfabetizando está comendo letras, quando na verdade ele as está acrescentando. Ao descobrir que cada sinal gráfico deve representar não a sílaba mas o fonema, que é a menor unidade sonora da palavra, ele tentará novos recursos:

— acrescentará letras, seja no meio, seja no final das palavras;

— ao comparar sua escrita com a do monitor ou dos livros, jornais, revistas, ele verificará que faltam letras, que ele deve aperfeiçoar sua escrita.

Ana Lino dos Santos

Fca = feira

Jace = jacaré

cajoru = cachorro

neto = neto

lma = banana

caju = caju

mlno = menino

"Eu gto gto de mn mto"

"Eu gosto muito de meu neto"

Sua escrita passará a ser irregular, ora representando graficamente todos os fonemas, ora não; e irá se tornando cada vez menos silábica e mais alfabética, até se tornar totalmente alfabética.

O alfabetizando enfrenta esses desafios de maneira ativa, comparando, percebendo semelhanças e diferenças, o que o obriga sempre a buscar novos recursos. O alfabetizando, nesse trabalho, é o sujeito do processo de aprendizagem que, em contato com a escrita, vai conquistando novos conhecimentos, mas sempre a partir de seu conhecimento anterior.

Ilustramos esse momento da escrita com dois trabalhos de D^a Ana Lino dos Santos: um diagnóstico do mês de abril (vide o quadro anterior) e uma redação de junho.

"Festa junina é muito alegre
muita gente gosta de pipoca, canjica e
batata doce e arroz doce."

Festa junina é a lgie (Junho/90)

de me jet e got de Pipoca e

Cjica e batata doce a nozidosi

Ana Lino dos Santos

A maioria dos alunos que têm chegado aos nossos grupos de alfabetização já desenvolveram bastante seu pensamento sobre a escrita e já alcançaram esse nível.

E. O nível alfabético

Neste nível, o aluno já escreve da maneira como fala, mas ainda lhe falta descobrir que nem sempre se escreve como se fala. Descobrir que existe uma escrita que se convencionou ser a correta significa também que conhecê-la vai requerer um longo aprendizado e muita dedicação.

O aluno agora se sente encorajado a escrever porque percebe que os outros já entendem sua palavra, sua mensagem.

Chegar ao nível alfabético não significa que o aluno já conheça todas as letras com seu respectivo valor sonoro. Isso nem sempre acontece. Ele pode ser um aluno alfabético conhecendo apenas

algumas letras, sem que haja correspondência sonora. O que determina se ele é ou não alfabético é a compreensão de que o sinal gráfico deve representar o fonema:

Poderíamos dizer que, dentro de vários níveis de conhecimento da escrita, há estágios mais elementares e estágios mais avançados. Também dentro do nível alfabético. Por exemplo, Luiz Martins Neto, que frequentou o grupo noturno de alfabetização do Jardim Valo Verde, escreve alfabeticamente, não separa certas palavras, troca algumas letras, mas já se faz entender:

Embu 28 de agosto de 1990
 o amigo Jose o lisi que peso
 no tuda i no mesmo tempo
 Calzar como na vole tubam
 po que galga a sa de su
 usamo nido bsm ai
 É statu bsm a Jose a que é s
 ta tudo bsm até u fidomano
 Eu vo para ai para
 fazer o tar casa po que
 É sta casa vó demali para
 faze o tara o viu a que
 não damasi para viver
 to kosi é so temi no com
 muta lenbaba para voce
 itodoso ai. Luiz Martins neto
 Turma da noite
 Monitoris Angela e Embeija

José Arisvaldo, do grupo do Jardim Taima, entrou no grupo de alfabetização sem saber nada, com um grande desejo de aprender.

Ajudado pelo monitor, com as atividades diárias e seguindo cada nível, foi vencendo as etapas. Transcrevemos aqui uma redação sua do mês de abril.

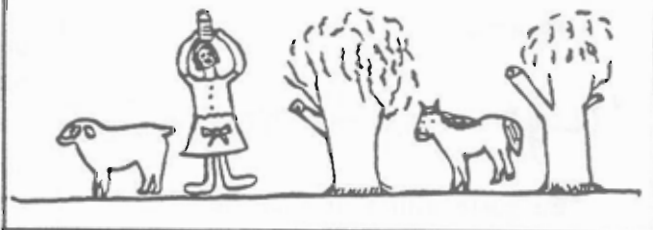
Redação
 Eu vi muito sofrimento.
 A seca mata os animais
 vaca, cavalo, cabra, ovelha
 tudo morrendo de fome e
 sede.
 Eu vi as mulheres carregando
 água longe na cabeça para
 beber.
 Os homens trabalhado para
 ganhar o pão do dia a dia.
 Eu vi as matas morto de seca
 José Arisvaldo

Embu, abril de 1990

No mês de dezembro, pedimos que passasse a limpo, numa folha sulfite e com caneta preta, a sua redação, pois ela seria publicada neste livro. Ele o fez, mas desta vez se corrigiu e até modificou o texto. Quando o monitor perguntou por que ele não tinha copiado o texto como estava, José respondeu: "É que agora eu já sei escrever melhor e percebo os erros".

São paula 4 de dezembro de 1990
 Redação sobre a seca.
 Eu vi muito sofrimento. a seca
 mata os animais vaca, cavalo,
 cabra e ovelha tudo morrendo
 de fome e sede e também Eu
 vi as mulheres carregando água
 de longe na cabeça para beber
 os homens trabalhado para
 ganhar o pão do dia a dia.
 Também eu vi as matas
 morrendo de sede e Rio chegou
 até a secar.

José Arisvaldo Silva



O conhecimento desses níveis permite aos monitores planejar as atividades, discriminando as que podem ser desenvolvidas por todos conjuntamente, as que podem ser feitas em grupos e as que são específicas de cada nível.

Isso não significa que se vá dividir a classe em níveis ou turmas fracas e fortes.

Para nós, do Cepis, e para os monitores do Embu, esse trabalho não tem sido fácil. Requer investigação, muita criatividade, uma avaliação permanente de nossa prática. Mas o resultado, apesar de ser uma experiência nova, tem confirmado que o caminho é por aí e que temos de continuar acumulando experiências nesse terreno.



O NOME DO ALUNO

Não é só pelo fato de os alunos reconhecerem as letras de seu nome que este se apresenta como ponto de partida para o processo de alfabetização.

Trabalhar com o nome dos alunos é muito mais: é entrar na história de cada um, é resgatar sua identidade, é facilitar o entrosamento entre os colegas, criar o respeito e o conhecimento mútuo.

Também permite um aprofundamento da noção de simbologia, facilitando o entendimento da linguagem escrita, que é duplamente simbólica, pois representa a fala que, por sua vez, representa as coisas, os sentimentos, as ações e as paixões do ser humano.

Uma atividade que traz resultados muito emotivos, integradores e produz profundo conhecimento mútuo é trabalhar a simbologia em cada aluno.

O monitor pede aos alunos que desenhem ou recortem de alguma revista ou jornal, e depois cole na metade de uma folha de sulfite, uma figura qualquer que eles sintam que os simboliza. Isto pode ser feito na sala de aula ou trazido de casa. O monitor então escreve na lousa ou em cartolina a lista de alunos da classe. Cada um deve colar o símbolo diante do seu nome e explicar por que escolheu tal ou qual figura.



O que acontece neste momento são relatos metafóricos, alguns de uma beleza inesquecível. Lembro-me de alguns. Uma aluna, por exemplo, trouxe uma lâmpada acesa e explicou que ela se sentia como uma luz: aonde chegava iluminava, ficava tudo alegre. Outra trouxe uma vidraça e explicou que se sentia como aquela vidraça que refletia a luz, mas não tinha luz própria. E o grupo conseguiu convencê-la de que não era assim.

O monitor vai escrevendo embaixo de cada figura o que ela representa para o aluno. Por exemplo: para a figura do pássaro ele escreve pássaro, azul, liberdade.

Terminado o relato, poderá ser feito um jogo com os alunos. Olhando só as figuras, o aluno irá identificar quem elas simbolizam. Fazer chamada: cada aluno volta a colocar a figura diante de seu nome. Os nomes diante dos quais não for recolocada são os nomes dos alunos ausentes.

A partir dos relatos de cada aluno, pode-se também fazer uma redação coletiva, da qual o monitor será o escriba. Os alunos vão reproduzindo o relato escolhido e o monitor os ajudará a organizar as idéias, a dar uma seqüência à narrativa, sem distorcer nem mascarar a fala dos alunos, ajudando-os a pensar, a se expressar com clareza, com força, provocando a participação de todos.

O texto pronto é um excelente material alfabetizador. Deverá ser copiado em cartolina, ilustrado pelos alunos, colocado em lugar visível.

Dele se extrairão palavras significativas para analisar letra por letra, comparar com outras, ver as diferenças e semelhanças, atiçando a curiosidade e o raciocínio dos alunos, que buscarão compreender o sistema da leitura e da escrita, ativamente. Dependerá do bom senso do monitor determinar que atividades podem ser realizadas por todos os alunos e quais deverão ser diferentes, dependendo do nível de conhecimento da escrita; e em que momentos os que já conhecem melhor a escrita podem ajudar aos que ainda a conhecem pouco.

As atividades com os nomes dos alunos são muito propícias para que o pré-silábico descubra o que a escrita representa. Como grande parte dos alunos pré-silábicos conhece as letras do próprio nome, ao verem que os nomes de colegas começam com as mesmas letras do seu nome passarão a perceber a correspondência som-grafia.

Algumas atividades que costumamos realizar:

1. Crachá com o primeiro nome de cada aluno, com duas faces: de um lado, letra de imprensa, e de outro letra cursiva.
2. Caixinha com os crachás misturados. Todos os dias, na chegada, o aluno deverá procurar o seu ou entregá-lo aos colegas.
3. Bingo do primeiro nome. Mostram-se as letras dizendo o nome de cada uma. Numa etapa posterior, pode-se dizer o nome das letras sem mostrá-las.
4. Procurar em revistas e jornais a primeira letra do nome do aluno, palavras que comecem com essa letra acompanhadas da figura. Reconhecer as figuras cujo nome

comece com a primeira letra do nome do alfabetizando. O monitor escreverá a palavra ao lado do recorte. Observar: quantas palavras podem ser escritas com a primeira letra do nome do aluno?

5. Recortar quadradinhos com as letras do nome. Montar. Retirar uma ou mais letras. Pedir ao aluno que diga que letra ou letras estão faltando.

Há uma infinidade de atividades com os nomes dos alunos. Estão descritas em livros dedicados ao tema. Porém são apenas orientações, exemplos. As variações dependerão da criatividade e do trabalho de cada monitor diante das dificuldades e necessidades do grupo com o qual está trabalhando.

O NOME — IDENTIDADE DE CADA UM

No início de 1990, tivemos um caso singular em nossa classe. Uma das alunas se apresentou como Iraíldes Amácio de Menezes.

Achamos estranho, pois o nome das irmãs era diferente. Para esclarecer a dúvida, pedimos a ela que trouxesse sua certidão de nascimento. Vimos então que seu nome era Iraílza Raimundo Pinto. Constatamos que essa aluna nunca havia visto o seu nome escrito.

Começamos então a trabalhar as letras do seu nome, e Iraílza mostrou muito interesse pela alfabetização; já sabe até fazer versos.

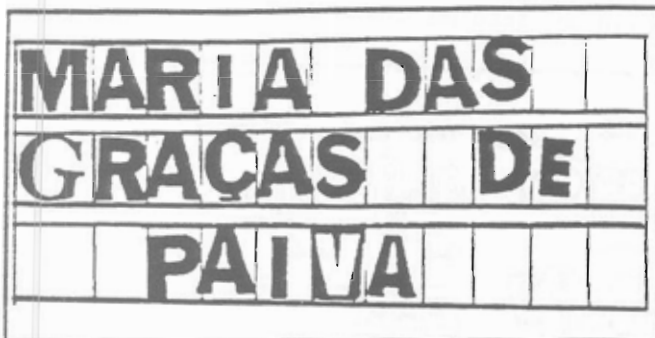
(Brigida e Lourdes — Parque Luíza — Embu)

eu mudei muito depois que comecei
a sair de casa para ler a ler e escrever
Quando eu entrei aqui
não sabia nem falar meu nome.
agora eu sei escrever e ler.
Eu entrei aqui sem ter
experiência de nada aprendi
muitas coisas foi muito bom.
Iraílza Raimundo Pinto
Embu, 10 de novembro de 1990

ATIVIDADES COM OS NOMES DOS ALUNOS

1. Colagem com os nomes dos alunos

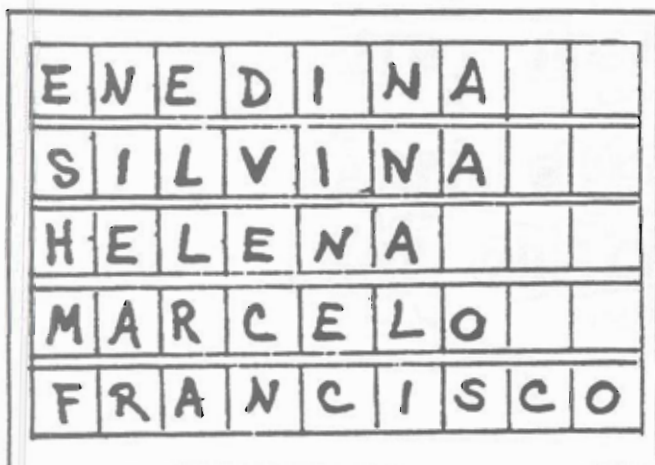
Material: folha de sulfite quadriculada (quadros de 3,5 / 2,5), recortes de letras de jornais.



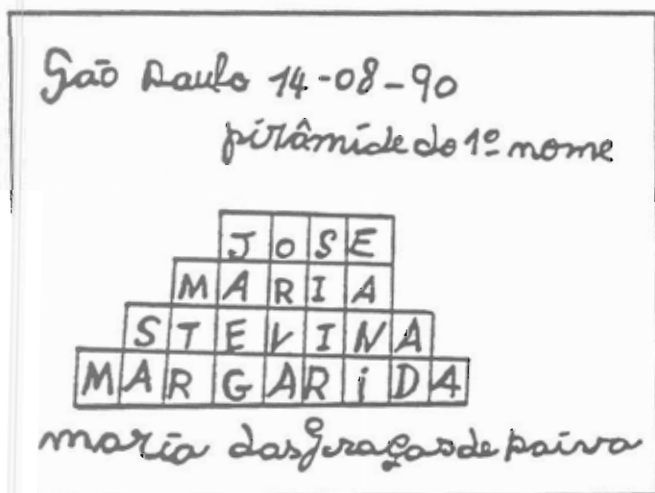
2. Bingo com os nomes dos alunos

Material: folha de sulfite quadriculada; o aluno pode assinalar a lápis as letras cantadas.

O bingo pode ser feito com 1 nome e depois com 2, 3 e até 5 nomes dos alunos do grupo.



3. Pirâmide com os nomes do grupo de alunos



4. Acróstico

Material: recortes de jornais.



5. Quadro dos nomes.

Comparar e completar: quais os nomes que faltam no quadro de baixo?

Alair	Enedina	Dario
Geni	Espedito	Eunice
Laura	Francisca	Silvina
Helena	Maria Alves	Severina
Maria	marcelo	Donira

		Dario
	Espedito	
Maria		

6. Formar palavras usando as letras do primeiro nome

Ana Simão dos Santos
 A abacaxi
 N Nabo
 A Arroz

V vage Vandeli
 A abacaxi
 V uva
 D danone
 E ervilha
 L laranja
 I igreja

Nome Silvana
 S salada
 I interior
 L laranja
 V vinho
 I ilha
 N nata
 A ameixa

7. Formar palavras com as letras do primeiro nome.

Material: recortes de revistas.

Embu, 30 de março de 1990

AMOR ALI ALO
 amor ali alor
 PATO PANO PELO
 pato pamo pelo
 RIO RUA REDE
 rio rua rede
 ELE ELA
 ele ela
 CASA CAMA CEDO
 casa cama cedo
 INDIO IRMAO
 indio irmao
 DEDO DOCE DADO
 dedo doce dado
 Maria Aparecida, Alameda Santos

8. Caça-palavras com nomes de colegas do grupo

9. Caça-palavras com todos os nomes do grupo:

Marijlene Ferreira
da Conceição

M	A	R	I	A
L	I	R	E	
T	C	A	N	E
O	E			
N				

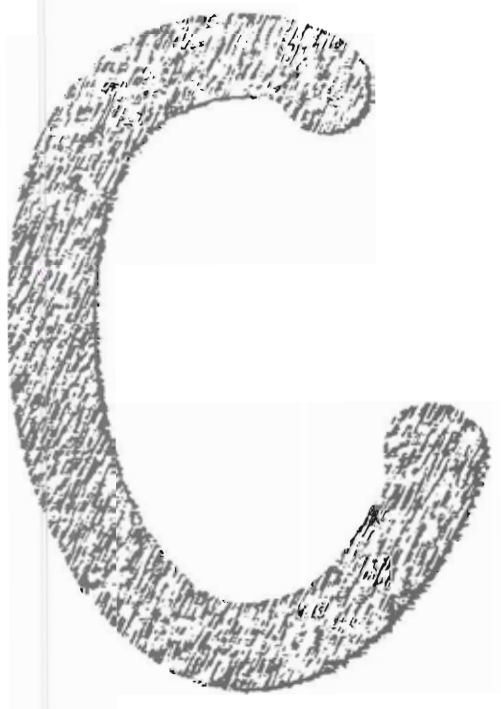
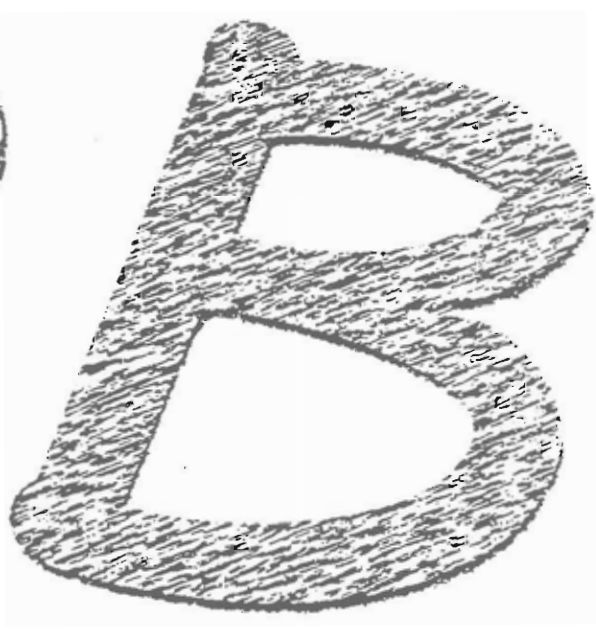
Comunidade N.S. Aparecida

Ache seus amigos da classe:

BDLVSEVERINA
LAXMZLAURAML
IRNAMOINEZME
VIFRANCISCAN
DONIRANCPTRE
IJOAIBOEEXCD
MXIAARPBDEI
IHQLIGENIXLN
JGUVTMOLTMOA
FIHELENAOBOV
LSMSILVINAXZ

Respostas: Helena, Francisca, Espedro, Geni,
Laura, Dario, Eneida, Severina, Maria
Maria Alves, Silvana, Donira, Eunice
Marcelo

2^a P A R T E



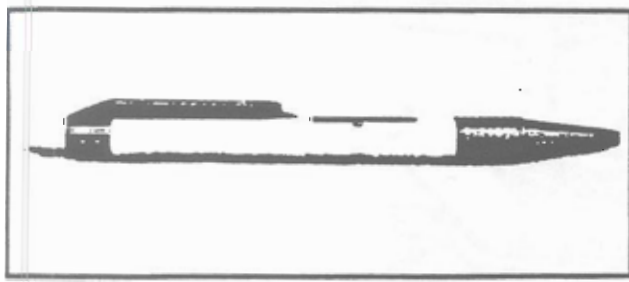
A PALAVRA
DOS
ALFABETIZANDOS



A LUTA DO ANALFABETISMO

As pessoas que nos procuram no município do Embu são, geralmente, migrantes do Nordeste e de Minas Gerais que querem aprender a ler e a escrever no menor espaço de tempo possível. Nossa atitude é de acolhida e de atenção às suas histórias e à luta que enfrentam antes de chegar até nós.

Apresentamos aqui três depoimentos de alunos: D^a Iris, do Jardim Valo Verde, Josefa Eunice Moreira, do Jardim Casabranca, e D^a Maria da Paixão, do Parque Luíza. Esta última tem um caderno onde registra quase diariamente tudo o que lhe ocorre escrever: impressões sobre o que acontece, coisas de sua cultura trazidas do Rio Grande do Norte. "Quando o nosso livro ficar pronto", diz ela, "vou levar pra minha terra pra mostrar aos de lá o que eu e meus colegas escrevemos."



Esta caneta representa tudo em minha vida representa o meu sonho e a prender e a escrever por a gente sen a leitura a gente não e nada porisso eu quero ser algum navida porque sen a leitura a gente sofre muito.

Iris marciara Para

Embu, 10 de novembro de 1990

Eu gosto de estudar, para eu não ser analfabeta. Um dia eu quero mim orgulhar de mim e poder fazer o que eu não fiz até hoje eu quero poder escrever bem e ler para todas pessoas se sentir lerm.

Man como eu estou estudando eu espero que eu realize o meu sonho se Deus quiser e mim dar ânimo para ir até o fim.

Desejo tudo de bom para as minhas amigas da minha classe que eu gosto muito.

Josefa Eunice Alves Moreira
19/10/90.

Já na hora tá na hora
Já na hora de estudar
quem quiser lutar com a gente
e não na escola entrar
uma vez traz alegria
Outras vez muito mais
já provamos muitas vezes
que vencer nunca e demais
vamos provar pra mostrar
a amigos que estudar
nunca e demais
as professoras
tem prazer de nos ensinar
vamos minhas amigas vamos
estudar mais quem quiser
lutar com a gente e não nunca
nunca entrar que as
professoras estão aqui
para nos ensinar.

Maria da Paixão Alves

Embu 14 de outubro de 1990



D. Josefa anotando no caderno de "fiados"
da lojinha.

MINHA VIDA

No trabalho desenvolvido em sala de aula, o alfabetizando tem oportunidade de expressar-se oralmente ou por escrito sobre os mais diversos temas: os fatos discutidos em classe, os problemas do bairro, a situação do país...

Mas, quando ele decide escrever sobre sua vida, cria-se um momento importante nesse processo educativo. Falando de si mesmo, o alfabetizando vai poder resgatar seu passado, avaliar o presente e medir suas forças para poder planejar o futuro. Começa a perceber que sua história pessoal está inserida num quadro maior feito pela história de todo um povo. Percebe que essa história não começou agora e que ele não está sozinho — outros caminham com ele, enfrentam problemas semelhantes aos seus, cultivam sonhos parecidos com os seus.

Os textos que se seguem são de alunas da Elisete, monitora do Jardim Saporito, em Taboão da Serra. O texto ilustrado é de uma aluna da Berenice, do Jardim São Marcos.

Taboão da Serra 5/10/1990 | Redação
 Eu vim da minha terra para tentar
 uma vida melhor para trabalhar e
 mandar dinheiro para minha mãe e
 minha filha. Lutei e trouxe minha
 família, lutamos juntos. Eu traba-
 lhava e minha mãe cuidava da minha filha.
 Tenho 4 filhos maravilhosos e obediência.
 Eu nunca tive estudo, mais depois
 de 40 anos tive muita força de vontade
 e junto a comunidade Santa Luzia
 eu consegui a ler e escrever.
 Eu trabalho muito e sou feliz.
 Continuo lutando em função
 de ajudar os meus filhos
 moro R. N. de Santana 93 Taboão da Serra SP.
 Berenice Almeida dos Santos



so trabalhador da roça que luta
 Para manter a minha familia
 com muita luta trabalho
 Maria Leite Merinho

"Realidade sobre a minha vida"
 nasci na Bahia em Nova Sours
 aos 27 de janeiro no ano de 1961
 me criei na roça, bralhei na
 roça, onde eu morava na roça não
 tinha escola no meu tempo, cresci
 sem sequer começar a pegar no lápis,
 cresci e não estudei, me casei e depois
 de casada que eu fui começar a
 estudar"

Valmira Pereira da Silva

"A CANETA E A ENXADA"

Todo tipo de texto pode ser utilizado no trabalho de alfabetização: a poesia, a fábula, a alegoria, a lenda, a anedota, o provérbio... E o texto estudado servirá de "pretexto" para que o aluno produza a "A SUA PALAVRA" escrita.

Apresentamos aqui um apólogo que "virou" letra de música sertaneja, "A Caneta e a Enxada", da autoria de Capitão Balduino e Teddy Vieira, gravação de Zico e Zeca. Esse texto provocou muita discussão, pois no meio popular se usa muito a comparação como uma forma de explicar os acontecimentos.

A CANETA E A ENXADA

1. Certa vez uma caneta
foi passear lá no sertão,
Encontrou-se com uma enxada
fazendo uma plantação,
A enxada, muito humilde,
foi lhe dar a saudação,
mas a caneta soberba
Não quis pegar na sua mão
e ainda por desaforo
lhe passou uma repreensão.
2. Disse a caneta pra enxada:
— Não vem perto de mim, não,
Você está suja de terra,
de terra suja do chão.
Sabe com quem está falando?
Veja só sua posição
e não esqueça a distância
de nossa separação.

3. Eu sou a caneta dourada
que escrevo no tabelião,
Eu escrevo pros governos
as leis da Constituição,
Escrevo em papel de linho
pros "ricaço" e pros "barão",
só ando nas mãos dos mestres
dos homens de posição.
4. A enxada respondeu:
— De fato eu vivo no chão
pra poder dar o que comer
e vestir o seu patrão.
Se vim ao mundo primeiro
quase no tempo de Adão,
se não fosse o meu sustento
ninguém tinha instrução.
5. Vai-te, caneta orgulhosa,
vergonha da geração,
A sua alta nobreza
não passa de pretensão
você diz que escreve tudo,
tem uma coisa que não:
é a palavra bonita
que se chama educação.

Embu 17 de setembro 1990
a entrada é uma feromenta
que todas. Perras que
trabalha na terra da
muito Valou Para ela
Parque sem ela os trabalhadores
não pode plantar o milho
e a feijão estão a entrada
temho muito Valou porque
ela Vile. Mechedo com a terra
e a cometa fica Parrendo mais
di não fare a entrada ela
não tinha comida Para ela
comer Maria Miga R. Marena

JARDIM SÃO MARCOS

A VIDA DO TRABALHADOR

A partir do 2º semestre deste ano, percebemos que a maioria das alunas do nosso grupo trabalha vendendo produtos de casa em casa: cerâmicas, perfumes, brinquedos, utensílios domésticos. Esses produtos são anunciados em folhetos que elas entregam a cada freguês para que escolham o desejado. A dificuldade é que, para vender, elas tinham de saber ler e escrever o nome dos produtos. Como não sabiam escrever, pediam à freguesa para anotar o seu pedido.

O sonho de Marina era ela mesma marcar os pedidos. Então, ela deu a idéia de trabalharmos na sala de aula com as figuras e os nomes dos produtos.

Recortamos as figuras das revistas, colamos e fomos escrevendo o nome de cada uma.



Alunas do grupo fazendo reunião dos produtos



Fizemos isso durante várias semanas, e ajudou muito. Agora elas mesmas estão tentando marcar os nomes dos novos produtos.

(Brigida e Lourdes, monitoras do Parque Luíza)

Os monitores José e Lourdes, um casal que trabalhou com alfabetização entre 1987 e 1988,

tinham um caderno de classe chamado Caderno de Redação da Classe. Os alunos o levavam para casa ou escreviam nele durante a aula. Não havia nenhum tema predefinido. Escreviam sobre a história de vida, sobre o trabalho, a luta do dia-a-dia. Recolhemos essa redação do Seu Virgínio, que depois seguiu para o supletivo do bairro.

07-12 88 TURMA A DA NOITE
 hoje foi 7 dia di
 muita xura para min
 não deu nada certo
 levatei 4:30 hda manhã
 fui trabalhar mais não
 deu para fazer nada
 tentei mais não
 consigo a xura não
 deixo mais deu para
 ficar us dede.

Virgínio da Silva

MOVIMENTO POPULAR E ALFABETIZAÇÃO

Toda a vida do bairro, tudo o que atinge as famílias, passa a ser o conteúdo das aulas de alfabetização.

O tema da moradia está sempre presente. Em 1988 e 1989, os que eram inquilinos foram duramente atingidos pela alta dos aluguéis. Dois movimentos surgiram em defesa da população — “União da Moradia” e “Sem-Teto e Sem-Chão”. Nas aulas, o assunto era debatido e os alunos davam sua opinião.

Em 1990, os bairros do Embu foram atingidos pela falta de água e, mesmo assim, as taxas cobradas eram absurdas!

A falta de água no Embu

A luta por moradia

Embu, 2 de novembro de 1988
 Temo a luta Popular por moradia
 como a luta ainda de quem paga
 aluguel. Quando agente paga aluguel
 a situação é triste, é um dinheiro que
 vai e não volta mais agente passa
 uma vida tão difícil agente tem
 dificuldade de leite e do pão da nossa
 crianças para pagar o aluguel e
 problema de moradia é muito grave.
 mas Deus é que vamos fazer com tanta
 facilidade que sofre por não ter onde
 morar? Esfirinha F. Araújo

falta de água no Embu
 no município está uma tristeza
 falta água todos os dias quem
 tem caixa de colocar água
 ainda bem, mais quem não tem
 sofre muito se não mudar não sei
 o que será de toda a parte
 algumas mulheres estão
 começando a se organizar para ir
 na sabesp reivindicar
 que não falte mais água nos
 nossos bairros
 já pagamos as contas tão altas
 temos o direito de ter água.
 maria aparecida Almeida Souto

"O tema escolhido", conta a monitora Maria de Lourdes de Moraes, "foi a conta de água do mês. As pessoas estavam preocupadas com o valor das taxas e com a ameaça de corte, caso as contas não fossem pagas. Tivemos uma conversa na classe e cada aluno decidiu falar do assunto com os vizinhos para ver qual a providência a tomar. O pessoal se reuniu, juntou as contas anteriores e percebeu que havia erro. Foram todos à Sabesp para reclamar. Os alunos, então, aproveitaram para escrever sobre o assunto, expressando sua revolta e a busca de soluções."

Posto de Saúde

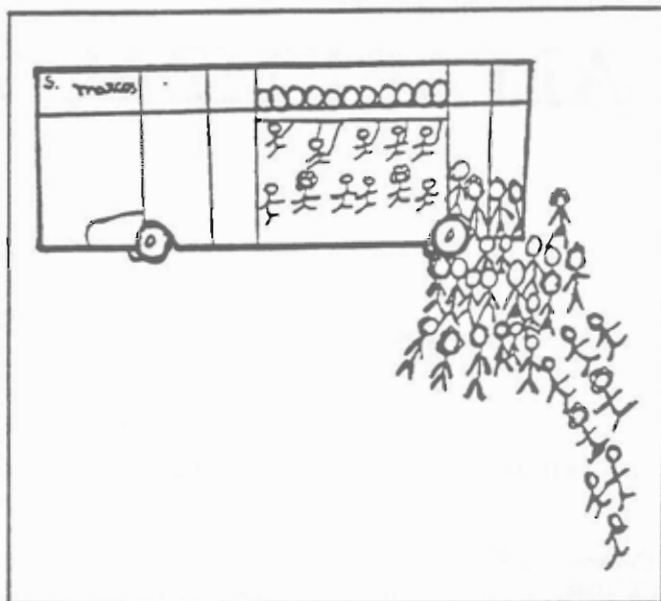
Embuí 8 de março de 1990
Aqui no Parque Luiza
precisa muito de um posto
de saúde por que agente
que tem criança sai
de casa cedo para ir
ao posto, quando chega lá
tem uma fila em motimen
não dá para agente falar
a criança no medelo.
Porisso aqui neste bairro
precisa de um posto de saúde.
nós mulheres temos que
lutar por isso gostaria
de fazer parte comissão.
Marilda Gomes de Araújo Silla

"Desse tema", continua Maria de Lourdes, "surgiram vários outros. Falamos sobre saúde, higiene, falta de esgoto, o lixo e, principalmente, a necessidade urgente de um Posto de Saúde no bairro.

No município do Embu as necessidades são tantas que tudo se transforma em Movimento Popular. O transporte é péssimo — resultado do descaso das autoridades. Uma carta aberta foi levada para os grupos de alfabetização e foi bastante debatida pelos alunos. Nessa carta a população reivindica:

1. Construção imediata do corredor de ônibus na Francisco Morato;
2. Que o estado assuma as linhas intermunicipais;
3. Criação de uma empresa municipal no Embu;
4. Aumento imediato do número de ônibus nas linhas intermunicipais e municipais.

Luta pelo Transporte



Luta pelo Transporte

Ponto final de pinheiros - S. Marcos

Na ponto final de avião de pinheiros
depois das 5 hora da tarde ninguém
consegue mais entrar no ônibus e
mulher grávida sendo empurrada e
basta deitada quem fica na fila não
consegue entrar no ônibus um dia de
meu pai ficou preso quase que eu cair até
fiquei machucado eu sempre me
pergunta quando tuda ista vai acabar
quando nos vamos ter as nossa direitos
respeitado de nos pagamos um
preço tão alto pelo transporte
e menor deveria ser bem melhor.
Ana Rita Lima de Souza

O custo de vida é um tema constante nas aulas. Na chegada, a dona de casa já vai comentando: "Vocês viram o aumento do pãozinho? É um absurdo!" E, depois de muita conversa, D^a Geni resolve escrever sobre o assunto.

O Pão

Eu não gosto de pão queimado
a gente paga caro no pãozinho
e cada dia vai ficando mais
caro e mais pequeno O Pão doce
branco é muito gostoso só que
é o pão do rico que toma leite
com pão doce a menina pede
Pão de sal e o pai não tem
dinheiro para pagar. Eu gosto de
pão-de-leite mais tá tudo caro e
aquele não pode comer mais
nada nem pão nem nada só
quando a coisa mudar que
isso tá mudando pra pior.

Geni Pereira Costa 5-11-50

FESTAS JUNINAS

Escolhemos este tema porque as festas juninas fazem parte da vida do povo. Nós, as monitoras, ficamos sabendo de coisas diferentes da terra de cada um. Vimos como os nordestinos são simples e fiéis a tudo o que é de sua região: comida, tradições, família, música. Alguns alunos contaram que na Bahia as festas são muito animadas, mas quando os donos da casa querem terminar a festa jogam pimenta no salão. Conforme os festeiros vão pisoteando durante as danças, vão amassando os carocinhos e aí começa a subir um cheiro ardido. Em pouco tempo começa aquela espirradeira danada. Os dançarinos ficam sem graça e vão saindo aos poucos. Quando se vê, não sobrou ninguém no salão!

Outra coisa interessante é a árvore da sorte: os organizadores da festa sobem numa árvore e amarram nos seus galhos uma porção de prêmios — em cada galho um brinde. Embaixo e em volta do tronco, improvisam uma fogueira. Conforme vai queimando o tronco, começa a algazarra, pois a árvore cai e todos se lançam em cima dos galhos para pegar os prêmios.

Outra brincadeira é o “quebra-pote”: os festeiros colocam dois paus enfiados no chão e atravessam outro por cima. Nesse que fica em cima, dependuram um pote com um gato dentro e logo depois amarram a boca do pote. Em seguida vem uma pessoa com uma venda nos olhos e um porrete nas mãos para arrebentar o pote. Se ela acerta, o gato cai e sai correndo em meio aos gritos de todos.

Quanto às comidas, os alunos disseram que na fogueira se assa batata-doce, milho, fazem churrasco, servem pipoca, cocada, doce de leite, broa de fubá. As bebidas preferidas são: cachaça

feita em alambiques, aquela “purinha”, jurubeba “leão do norte”, cachaça-genebra e batidas de todos os sabores.

Em cada casa se dança o forró. As pessoas vão entrando em todas as casas pra ver qual é o melhor. Então cada um acaba ficando no forró que estiver mais quente.

Aproveitamos o mês de junho para trabalhar com várias palavras que eles queriam aprender: comida, bebida, cachaça, churrasco, família, fubá, música, prêmios, festa, galho, fogueira, árvore, Bahia.

Trabalhamos preparando várias atividades e respeitando os níveis em que se encontravam os alunos.

Monitoras: Jeane e Edite,
Jardim Novo Campo Limpo — Embu

FESTA NO INTERIOR

(REDAÇÃO COLETIVA)

"As festas juninas no interior são bastante animadas. Nem parece com a festa na cidade, onde só tem violência e ninguém pode brincar.

Em nossas terras é diferente porque as pessoas são mais amigas. Por isso tem quadrilha, pipoca, arroz-doce, canjica e o melhor de tudo é o forró que vai até o sol raiar.

Ah! Se São Paulo fosse assim!"

Grupo do Jardim Valo Verde



Desenhos: monitora Jeane

Em outros grupos, como no Jardim Taima, os alunos escreveram livremente sobre as festas juninas. Apresentamos o texto de Rosita Rodrigues de Souza.

Redação da festa junina

A festa junina do arraial do morrinho e affim tem muito ferver de cordão e todas as pessoas dançam, adulto e crianças.

Usamos fazer feitura e assar milho fazer fãmonha curau bolo de milho assado no forno de pedra, é assim que fã, põe o milho de milho na água morna, de um dia para o outro, no outro dia passa o milho na máquina e depois passa na peneira depois pega a massa põe na uma bacia, molha com leite e açúcar uma pitada de sal e canela a gosto.

Depois pega uma folha de pedra corta em pedaços que dê para fazer um bolo, põe a massa encima do pedaço da folha, enrola e põe encima da pedra vai virando de um lado para o outro até assar e pronto, é só comer o bolo caseiro e fresquinho e está todo mundo contente, salta muitos fogos, depois vinho come batata cozida na feitura,

Dança salta feitura fog batizado até o dia amanhecer e no outro dia continua a festa. A festa lá é assim
25-6-90 Rosita Rodrigues de Souza

"NOITE DE LUA"

Durante o mês de junho, alguns grupos trabalharam com uma poesia intitulada "Noite de Lua" (o autor nos é desconhecido.)

NOITE DE LUA

É noite de lua
naquela rua
que se enfeita
que se ajeita
com bandeirinhas
fogos e balões
sanfonas e violões.
Maria bonita
de laço de fita
de saia rodada
de manga fofada
de franja na testa
faz bonito na festa
a meninada
toda enfeitada
dança quadrilha
na noite que brilha
e vê o casamento
da Chica com o Bento.
Que venha o quentão
que é noite de São João.

Como trabalhamos o texto:
Cada um recebe uma cópia

1. Tempo para leitura silenciosa.
2. Leitura em voz alta, feita pelo monitor.

3. Troca de idéias sobre o texto.

O texto deu margem a muita conversa: cada um tinha uma história para contar, e explicava como eram os festejos de junho na sua terra — o povo muito animado, organizando missa e quermesse por ocasião das festas de Santo Antônio, São Pedro e São João.

4. Separação em níveis para o estudo do texto.

No grupo, não temos alunos pré-silábicos.

Escolhemos alguns versos para ser trabalhados:

A meninada
dança quadrilha
e vê o casamento
da Chica com o Bento

a) Atividades para os silábicos e silábico-alfabéticos:

- quantas palavras têm os quatro versos;
- fazer um círculo em volta das vogais;
- quais as consoantes que aparecem nos versos? Colocá-las em ordem alfabética;
- achar palavras que comecem com essas consoantes;

— completar com as vogais

m_nin_d_

quadr_lh_

C_s_men_

Ch_c_

— completar com as consoantes

quad_ilha

dan_a

b) Para os silábico-alfabéticos e alfabéticos:

— Leitura e contagem das sílabas de cada palavra dos quatro versos — colocar o número de sílabas embaixo

MENINADA	QUADRILHA	VÊ...
4	3	1

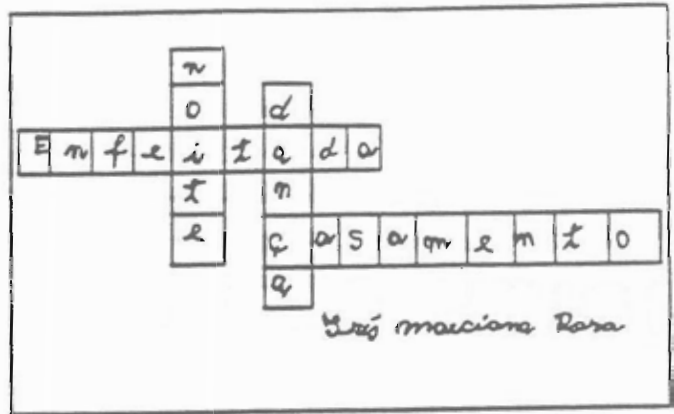
— Jogo de bingo

Q	U	A	D	R	I	L	H	A
---	---	---	---	---	---	---	---	---

— Jogo de bingo com mais de uma palavra:

		L	A	Ç	O				
R	U	A			L	U	A		
	S	A	I	A		F	I	T	A
	M	A	N	G	A				
B	O	N	I	T	A				

— Palavras-cruzadas



— Completar as frases

É noite de

Naquela

..... é bonita

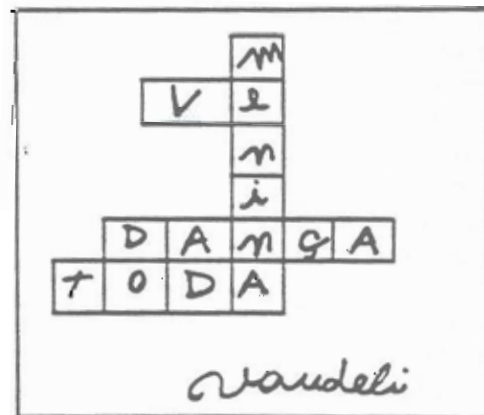
..... de laço de

de saia

— Escolher uma palavra do texto e fazer uma frase

— Maria de saia rodada
de manga fofada faz bonito na festa.

— Jogo de palavras-cruzadas



A PRODUÇÃO DE TEXTOS

Não é só a produção de textos, a redação, que tem importância. O exercício da memória, o resgate daquilo que aprendemos de cor é igualmente importante.

A monitora Odilene, do Jardim Casa Branca, incentivou as "quadrinhas" das festas de São João. Foi assim que a Donira e o Alair conseguiram lembrar-se dos versos que se seguem. Donira dá até uma explicação de como eram recitados esses versos:

Batatinha quando narre.
esperamos pelo O Chão.
Mamozinha quando dorme.
korhe amãe Na Coração.

~~~~~  
Pidi um Capô da água.  
Metrorero na Caneca.  
Tôto Memo que eu queria.  
Sinturinha de boneca.

~~~~~  
Meu amor brigou comigo.
Men dexou Na Solidão.
Como e ruim briga de amor.
Como doi Meu Coração.

~~~~~  
Joguei Meu lenço branco  
Na porta do Simitero.  
Se não for para Carar.  
Nomorar Tabem Não quero.

Embru 5.12.90  
Eu aprendi estes versos em  
festas Juninas lá Na minha  
terra em Minas Geras.  
Nós cantava roda jogava  
verras para Os Namorados  
e para fazer as Meninas  
perder a timides.

Donira Rosa da Cruz

12.11.90 Alair Jorge de Andrade  
Lá no seu esta trusegando  
mas não é para chover  
meu amor esta doente  
mas não é para morrer.

Sentei na beira da água  
para ver os peixe nadar  
os coçado tem vontade de ver  
o routeiro namorar.

Escondi meu aneu  
no buraco da parede  
quem achar me da de vouta  
meu aneu da pedta rorde.

trepui no pé de manga  
para pambair manga pra ela  
o galho de manga queiro  
eu cai no colô dela.

agora eu vou trabalha  
esforçado no berriso  
quei trabalha que receber  
quei paga quel penoso  
quei zoba o mel do outo  
mão chega no pé de cristo

Atenção: O quadro abaixo é apresentado como sugestão/exercício para aqueles que pretendem planejar seu trabalho a partir da prática, de acordo com a concepção metodológica dialética:

| TEMA GERAL — O TRABALHO DE ALFABETIZAÇÃO NO EMBU |                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |           |
|--------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| TEMA                                             | ASPECTOS                                                                                                                                                                                                                                                                                            | OBJETIVOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | AValiação |
| Festas Juninas                                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cultura Popular</li> <li>• Histórias de vida</li> <li>• Resgate da tradição ligada às festas juninas</li> <li>• Participação nas atividades das comunidades</li> <li>• Registro escrito dos alunos</li> <li>• Trabalho com os níveis de escrita</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Valorizar a cultura de cada um</li> <li>• Resgatar as histórias de vida</li> <li>• Incentivar a retomada dos costumes e da tradição nas comunidades</li> <li>• Incentivar a participação nas atividades juninas das comunidades locais</li> <li>• Motivar os alunos a registrar por escrito suas histórias, lembranças, a tradição de seu lugar de origem...</li> <li>• Ajudar o aluno a vencer o nível em que está e passar para o nível seguinte</li> </ul> | <p>Nível oral</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Troca de experiência a partir das diferentes culturas dos alunos</li> </ul> <p>Nível escrito</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Redação coletiva a partir das observações dos alunos</li> <li>2. Texto — "Noite de Lua" — <ul style="list-style-type: none"> <li>• leitura e compreensão</li> <li>• interpretação do texto</li> <li>• incentivo à redação de texto em prosa ou poesia, a partir do texto e das lembranças dos alunos</li> </ul> </li> <li>3. Trabalho com os quatro níveis da escrita <ul style="list-style-type: none"> <li>• exercícios relacionando a redação coletiva e o texto/poesia com o alfabetário do aluno, com o silabário</li> <li>• jogos: pirâmide, escadinha, caça-palavras, palavras-cruzadas...</li> </ul> </li> </ol> <p>Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Acrescentar textos relativos ao tema à biblioteca do grupo (uma caixa de papelão contendo textos para consulta dos alunos)</li> </ul> |           |

Observação: O quadro abaixo é o resultado da sistematização do trabalho feito em conjunto: alunos, monitores e supervisor durante o mês de junho de 1990 — quadro elaborado durante a reunião de monitores.

| SISTEMATIZAÇÃO DO TRABALHO REALIZADO SOBRE O TEMA — "FESTAS JUNINAS" — EMBU — 1991                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |  |  |  |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|--|--|
| <p>Nível oral</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• alguns monitores trabalharam a partir da redação coletiva (p. 52)</li> <li>• outros trabalharam a partir do texto/poesia "Noite de Lua" (p. 55)</li> </ul> <p>Nível escrito:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• tanto a redação coletiva como a poesia serviram de ponto de partida para o trabalho dos níveis da escrita, e também de incentivo para a criação de novos textos, agora produzidos pelos alunos (pp.52-57):</li> <li>• o quadro ao lado mostra como o mesmo texto pode ser trabalhado por todos os alunos, desde que se respeite o nível de cada um, e ajuda a sistematizar o trabalho, que segue um ritmo próprio: planejamento → sistematização → novo planejamento a partir da prática...</li> </ul> <p>Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• alguns alunos trouxeram textos de revistas e livros didáticos</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>— Neste espaço são colocados trabalhos dos alunos: redação coletiva ou individual, exercícios propostos a partir dos textos dados</li> <li>— É um trabalho feito em mutirão, durante a reunião quinzenal</li> <li>— Cada monitor tem oportunidade de expor como desenvolveu o tema com o seu grupo: os acertos, as dificuldades, as descobertas</li> <li>— É também neste espaço que supervisor e grupo de monitores avaliam os objetivos propostos para a quinzena (ver objetivos)</li> </ul> |  |  |  |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |  |  |  |

# O NEGRO

**E**m 1990, demos prioridade ao trabalho com poesia e letras de músicas, conhecidas ou não pelos alunos.

No mês de novembro, por ocasião da comemoração de Zumbi, refletimos sobre o texto de Milton Nascimento e Fernando Brant. Depois do estudo do texto, interpretação e debate, os alunos escreveram livremente sobre o assunto:

## A COR DO HOMEM

*Milton Nascimento e Fernando Brant*

Mas como pode um homem  
escravizar outro homem?  
O homem negro não é melhor  
que o branco, nem pior  
a pele branca não é pior  
que a vermelha, nem melhor  
a pele negra, branca, vermelha, amarela  
é apenas a roupa que veste um homem  
— animal nascido do amor  
criado para pensar, sonhar e fazer  
outros homens  
com amor.





Pudação sobre os negres (as)

No tempo da escravidão os escravos eram os negres agora no mundo em que vivemos somos todos escravos e branco e preto. O homem branco é escravo de outro homem branco e preto é escravo de preto as escravidões de verdade tem agora no Brasil, somos todos escravos só que agora tem uma diferença somos escravos das fabricas ganhando um salario miseravel e os pretos e os brancos aceitando tudo isso.

Roxa Rodrigues de Souza

tem gente que pensa que não existe mais a escravidão mas existe sim não é como era antes.

nos somos todos iguais por que nosso deus é um só somos todos filhos de deus só por causa da pele negra e da pobreza eu acho que não faz diferença.

Romana Moreira Gonçalves

Eu miacho escravizada porque minha vida é trabalhar todas as dias pra mim é mais do que escravizada agora não porisso que eu vou abairar aminha cabeça.

Flora Maria Ferreira

# O CAPIM

**D**iz um ditado que “dinheiro chama dinheiro”. No nosso caso, ele foi traduzido assim: “verso chama verso”.

Durante todo o ano, trabalhamos mais com poesia do que com texto em prosa. Já no final, apresentamos um canto dos lavradores de Goiás que ficou conhecido como “O Capim”. Foi um sucesso! Perguntamos aos alunos o que tinham achado da letra — se era alegre ou triste. D<sup>a</sup> Sebastiana, com seus sessenta e poucos anos, respondeu: “Não é triste, não. Esse canto é só um modo de tirar um sarro da gente!” E por causa deste texto, que lembra o desafio, muita gente se sentiu estimulada a continuar a cantiga, ensaiando seus primeiros versos, como se estivesse respondendo ao cantador.

Vejamos primeiro o texto, e depois alguns versos dos alunos:

## O CAPIM

Isso é mesmo um absurdo  
Para mim chegou o fim  
Pelo jeito que estou vendo  
O povo vai comer capim.

Quando for de manhã cedo  
Na hora de levantar  
A semente do capim  
Vai ser café para tomar.

E na hora do almoço  
Vai ser o denço e o jaraguá  
Colonião e napiê  
Vai ficar pra merendar.

Capim gordura e mineirão  
E o angola é pra jantar  
E a grama é papinha  
Pra o menino desmamar.

Toda hora de comer  
O braquiara deve estar  
É famoso em vitamina  
Para o povo reforçar.

(Canto dos lavradores de Goiás)

na hora do almoço as cri-  
anças vai chorar querendo  
mas vamos comprar umas  
batatas para li alimentar  
para o jantar nem a casca  
vai ficar.

Para o menino desmamar  
da grama fazo chá para ele  
colar será que vai alimentar  
não tem nada para dá  
Dulcílina Francisco da Rocha

Co presidente

Co presidente eu agora  
Vou falar ao povo que a coisa está  
a povo vai mal se alimentar  
quando for de manhã cedo na  
hora de levantar min troco  
rapidinho para meu trabalho  
enfrentar

isso para mim é o fim  
do jeito que a coisa está o povo  
vai comer capim o mundo está  
chegando ao fim?

na hora do almoço  
vai ser assim

marçá vai se  
alimentar com chpanera e carias  
e o povo no sufoco vai comer  
cengo e Jacaguá.

Mariolva Ferreira Santos

25.10.90

Presidente eu agora vou falar  
pelo povo que a coisa está  
o povo vai mal se alimentar

Quando for de manhã cedo  
eu vou mim levantar para ir  
por meu trabalho o pão  
queio gata.

Para mim chegou o fim os  
mal acontecendo a coisa está  
suim os pobres estão sofrendo  
os ricos estão dizendo que  
estão bom assim.

E na hora do almoço eu vou  
lhe confessar não sabe me  
sem trocando para mim  
merendar.

Eu planto no meu jardim  
a semente do capim que é  
alimento para mim na hora é  
alimento para todos os viventes  
que vive do capim.

25 de 10 de 1990

Romara Moreira Gonçalves

30/10/1990

Co presidente eu agora  
vou falar pelo povo que a  
coisa está o povo vai mal se  
alimentar

Atessa só dá capim feijão que  
planta não dá gosto do  
coração e machuca pra dona  
trabalha, com digosto por  
que não é vida e gente comer  
capim

Deser, liberdade e o primeiro  
passo, para, possui ela na  
floresta, para mim cantar  
alegre

Sebastiana Gomes Valentin

Co presidente eu agora  
vou falar. Pelo povo que a coisa  
está o povo vai mal se alimentar

Quando for de manhã cedo  
na hora de levantar eu meus  
dentes eu vou escovar para eu  
café tomar.

e na hora do almoço é a maior  
confusão é muito gente vendendo  
ovos para poder comprar a feijão.

co meu Deus eu agora vou  
falar que tanta dor do povo que  
não pode nem trabalhar de tanto  
sol quente que só falta queimar.

menino Pedronino que não pode  
mais mamar se for rico tem tudo  
e ser pobre precisa trabalhar.

toda hora de comer é comiar  
confusão as criança quando comer  
as mãe dizem que não.

Maria APaulida Joazeira Alves

31.10.1990

No Grupo de São Marcos, o canto dos lavradores de Goiás provocou uma redação coletiva. Na conversa, as alunas puderam trocar experiências sobre o seu "saber" quando se trata de plantas medicinais:

Embu, 19 de outubro de 1990

A utilidade das plantas (Redação Coletiva)

Na nossa terra, o povo conhece de tudo. O povo morre de fome, mas por falta de remédio é muito difícil. Os remédios caseiros sempre estavam na casa de nossos pais.

Criança nenhuma comia um fruto que fosse venenoso. Eles já conhecem todos. As raízes que curam, as folhas milagrosas que curam inúmeras doenças. No interior existe uma planta que nós usávamos para lavar louça parecia sabão. Tinha uma outra chamada "baba de bode" que servia de shampoo e deixava os cabelos bem macios. Outra planta chamada arueira servia para escovar os dentes; outra chamada guaraná servia para tingir as roupas; outra servia para perfumar as roupas e por aí vai.

O que dá pena na gente é que os fazendeiros, para plantar o capim, acabam com as plantas, enchem o pasto de gado e vai acabando tudo, enquanto o povo não tem onde plantar os seus alimentos e fica passando fome. O pasto fica cheio de gado. E pra quê? Se nós não temos dinheiro para comprar carne!

Grupo de São Marcos

Os grupos do Jardim Valo Verde e Jardim Casa Branca criaram várias atividades a partir do texto. Vejamos:

Ana Lino dos Santos  
Embu, 12 de novembro de 1990  
jogo de peças de palavras:

|                                |                                    |                                   |
|--------------------------------|------------------------------------|-----------------------------------|
| al me<br>gar fa<br>on de<br>le | com<br>mo mi<br>mo<br>de go<br>men | te<br>na la<br>mo so<br>so<br>lar |
|--------------------------------|------------------------------------|-----------------------------------|

almaco - garçeira - menino  
Semente - angosa - famoso -

Ditado do Texto

- |          |              |
|----------|--------------|
| 1 fim    | 7 vitamina   |
| 2 menino | 8 café       |
| 3 cedo   | 9 grama      |
| 4 hora   | 10 famoso    |
| 5 povo   | 11 mineração |
| 6 pelo   | 12 fim       |

Embu, 13 de novembro de 1990  
Ana Lino dos Santos

jogo de caça palavras do texto  
"o Capim"

MIM - CHEGOU - COMER - CAPIM  
VENDO - POVO - MESMO - ABSURDO.

|   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| C | O | M | E | R | T | E | A | C | P | X | R | S | T | M |
| O | B | D | R | S | E | M | X | C | H | E | G | O | U | Z |
| S | L | E | P | O | M | A | V | T | E | H | S | R | A |   |
| T | C | A | P | I | M | V | A | D | B | M | I | M | S | T |
| A | C | D | T | L | E | P | O | V | O | D | C | B | A | S |
| L | V | E | N | D | O | E | S | U | S | H | L | T | U | X |
| N | O | P | M | R | S | M | E | S | M | O | T | O | R | Q |
| Z | A | C | L | H | E | X | T | R | Q | A | B | O | U | P |
| Q | R | T | E | M | A | B | S | U | R | D | O | X | O | I |



JD. CASA BRANCA  
TRABALHO EM GRUPO 31.10.90

Embu 8 de novembro de 1.990  
Nome Sílvia Fernandes

Isso é mesmo um absurdo  
Para mim chegou o fim  
Pelo fato que estou vendo  
O povo lá comer capim

Separar estas palavras em pedações:

mesmo = mes-mo  
chegou = che-gou  
vendo = ven-do  
pelo = pe-lo  
feito = fei-to  
isso = i-ssô  
capim = ca-pim  
comer = co-mer  
para = pa-ra  
fim = fim

Embu 12 de novembro de 1990  
Audeli machado

Complete as frases do texto

Para mim chegou o fim  
A semente do capim  
Capim gordura e mineirão  
É a angela pra fantar  
É famoso em vitamina  
Para o povo reforçar

Faça uma frase

Combe o o capim  
gordura.

Nome Sílvia Fernandes  
Embu 12 de novembro de 1.990

jogo de palavras cruzadas do  
texto do "capim".

jogo de pirâmide

# O PACOTE E AS ELEIÇÕES

**D**ependendo da conjuntura nacional e local, surgem debates na classe. Os alunos reclamam do pacote, do congelamento do salário, ficam preocupados com a falta de emprego...

Apresentamos aqui uma redação coletiva sobre as eleições presidenciais de 1989.

## O HOMEM DO BAÚ

"Acabou a brincadeira! Até que enfim o circo acabou e Silvio Santos foi pra dentro do baú. Não adiantou nada ele negar e dizer que não faz parte do SBT e que era apenas funcionário, quando todo o povo está cansado de saber que realmente ele administra o SBT."

*Grupo do Jardim Valo Verde*



Neste ano trabalhamos com a poesia de um animador de Comunidade — "Os Descamisados" — e com a leitura de uma caricatura do Henfil sobre o pacote.

## OS DESCAMISADOS

(poesia de Antônio Rocha da Costa - Comunidade São Marcos)

1. Me desculpe, cidadão,  
mas esta situação me deixa contrariado,  
pois alguns têm o poder  
fazem a maioria sofrer  
deixando-os descamisados.  
Do jeito que a coisa está  
já não dá mais para agüentar!  
Mas até que tá engraçado  
o povo levou o calote,  
e ainda diz que o pacote  
foi pior pro endinheirado.
2. Tem gente perdendo o emprego  
acabando com o sossego  
mas ficam na ilusão,  
porque vê na reportagem  
que o pobre levou vantagem  
e quem perdeu foi o patrão.

Tem gente nesse país  
que acredita estar feliz  
cheio de admiração...  
Está muito satisfeito  
e ainda bate no peito  
— “Eu não errei na votação.”

3. O pobre trabalhador  
que derrama o seu suor  
já demora pra sorrir..  
com o salário congelado...  
e os preços liberados  
já não sobra pra vestir.  
Quero dizer com franqueza  
— “Minha gente, é uma beleza  
o sistema que está aí.  
Não pro pobre brasileiro  
mas pro rico estrangeiro  
Lá do F.M.I.

4. Caro amigo arrependido  
com seu voto destruído  
já é hora de acordar...  
Cair na realidade  
pra uma nova sociedade  
a gente se preparar.  
Com licença pessoal  
me desculpe se fui mal,  
mas já vou me arretirar...  
Porém deixo o meu recado  
que você conscientizado  
não pode desanimar!

# Henfil

O Pacote é  
ótimo!  
EU é que  
sou ruim...



Embu 28 de Junho 1990  
Nome Silvana Ferrandes

O Pacote não foi nada bom  
Porque deixou muita gente  
desempregados e muita mãe com  
seus filhos passando falta da  
alimentação. O Pai chora por  
a falta do emprego espero que o  
governano pense mais na Umanidade  
e melhora de empregos e um melhor  
salário para que o povo possa viver  
melhor

"Talvez da Silva" 28 de Agosto de 1990.  
Incapacidade cobrada em casa muito triste.  
A mulher pergunta:  
O que está acontecendo, por que está chorando?  
Ele responde: O que nós nem fazer foi  
mandado embora tem um filho para dar aque comer  
ele é inocente não sabe que está acontecendo  
e preciso estar trabalhando, espero que brevemente assumam  
um emprego para resolver esta situação.  
Conto desta pluma coler a inflação subiu mais  
eu tenho que fazer meu emprego.  
Com carinho da Silvana Costa

## "O REI CAFÉ"

Um texto, se bem trabalhado, pode provocar nos alunos produções muito diversas. Partindo, por exemplo, da compreensão e do debate sobre "O Rei Café", de Milton Nascimento e Fernando Brant, as monitoras procuraram, inicialmente, discutir os fatos da história, recolher as informações que os alunos tinham sobre o assunto. Nesse momento, o aluno estará resgatando mais do que o passado do seu povo. Ele poderá perceber a relação entre a história pessoal e a história mais ampla do povo brasileiro.

Esse texto e outros podem ser aproveitados sob três aspectos:

1. O que o texto fala sobre ele mesmo — é o momento da *leitura e compreensão*.
2. Podemos ver o que o texto provoca, sugere, que questões levanta. É o momento da *troca de experiências, do debate*. O aluno parte dos conhecimentos que tem da realidade e, na relação com os outros, amplia esses conhecimentos. Nesse processo ele estará sempre *produzindo novos conhecimentos*.
3. Todo texto trabalhado em sala de aula pode provocar outros textos. Cabe ao monitor incentivar os alunos a produzir o seu texto, que é a forma mais completa de alguém dizer a sua palavra sobre o mundo.

Temos aqui duas amostras de criação de textos a partir do estudo de "O Rei Café".

O nosso Brasil não foi libertado.  
 O que produzimos, não é nosso.  
 É um país muito rico que  
 tem de tudo mas nossas  
 riquezas são transportadas para  
 outros países.  
 Os pobres trabalham muito e  
 ganham um salário de miséria.  
 - Juícinde Moreira Santos

## REI CAFÉ

O Café é uma plantação muito  
deliciosa. Se faz o leiteiro e  
sambica e finalmente depois que  
nasce a gente vai cuidar dele  
até chegar a colheita.  
Se colhe o café do pé e a gente  
vai por no sol para secar e  
depois abamar o café para  
tirar a casca.

E depois engala e transporta  
para a cooperativa. daí que vai  
transportado para outros países.  
E também a gente quando  
tira a casca do café e deixa na  
panela a gente mexe até ficar  
bem douradinho aí a gente faz  
o mel de açúcar o da Tapadura  
e põe o café dentro e mexe até  
fica no ponto de por na vasilha.  
depois que esfriar e que a gente  
moer no moedor pila no pilão  
quem não gosta do café torrado  
assim com o mel e no  
torrar sem nada e moer  
no moedor. Maria da Paixão Alves  
Embu 12 de setembro de 1990



Maria da Paixão e seu texto "A Cultura da Cana" inspirado na poesia "O Rei Café"

### O REI CAFÉ

Lá vai indo o rei café  
da terra para o porto  
de navio pelos mares  
da Inglaterra imperial.

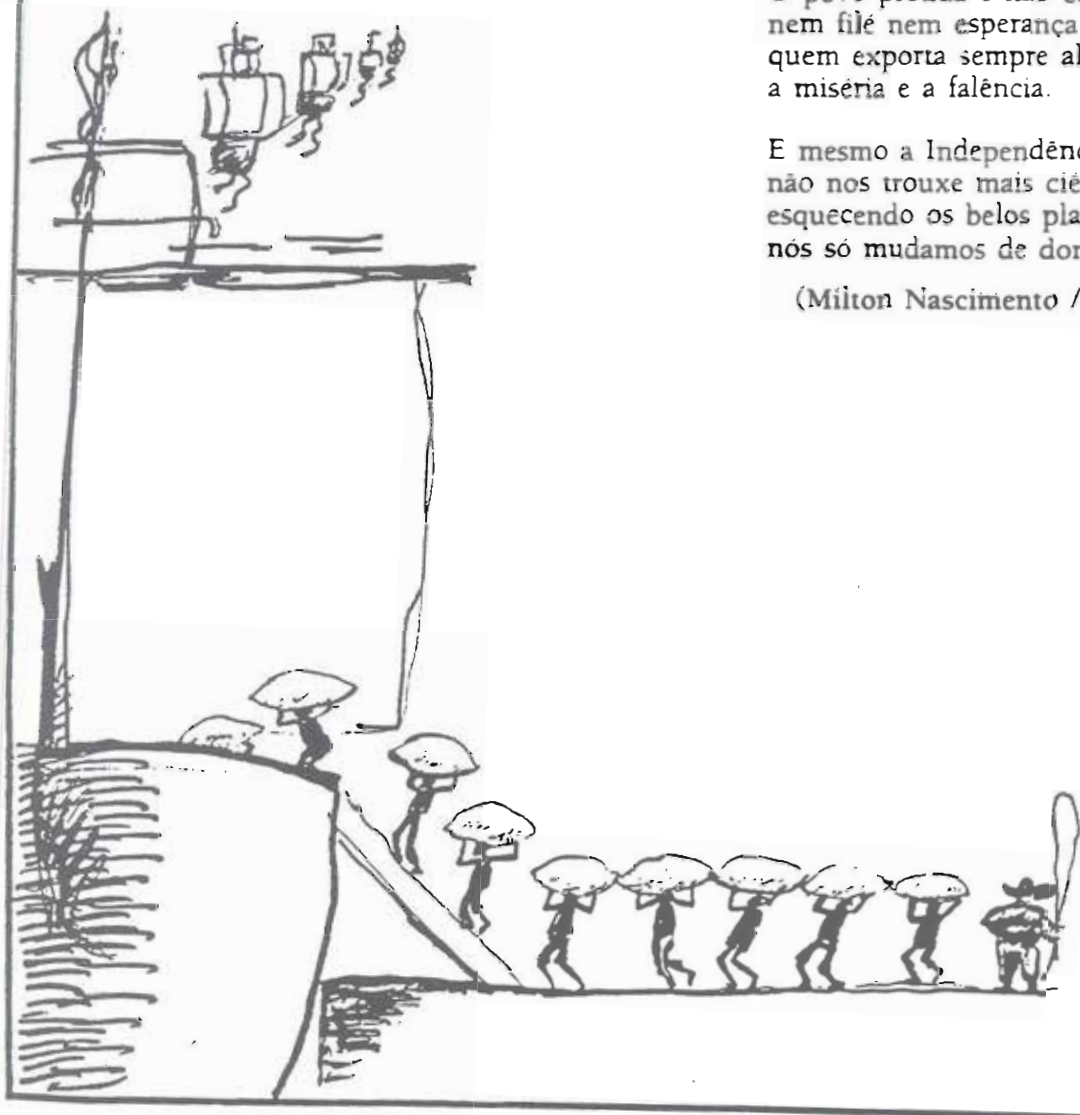
Vai seguindo o rei café  
o caminho da madeira  
o destino do açúcar  
e a sina do metal.

O povo produz e carrega  
no lombo a mercadoria  
o que é nosso sofrimento  
além mar é alegria.

O povo produz e não come  
nem filé nem esperança  
quem exporta sempre alcança  
a miséria e a falência.

E mesmo a Independência  
não nos trouxe mais ciência  
esquecendo os belos planos  
nós só mudamos de dono.

(Milton Nascimento / Fernando Brant)



# O NATAL

**F**az parte do resgate da história de cada aluno a lembrança das festas religiosas da sua cidade, do seu estado.

No mês de dezembro, os grupos trabalharam uma poesia pastoril do Nordeste. A partir da troca de experiências, os alunos escreveram livremente sobre suas lembranças. Apresentamos a redação de Márcia Cristina, monitora em 1985 e 1986, e a de D<sup>a</sup> Maria José Alcântara, do Jardim Saporito, Taboão da Serra.

Acreditamos que esse trabalho de resgate das histórias pode ajudar na reconstrução de um povo profundamente desenraizado pela ausência de uma verdadeira política cultural, e tão duramente atingido pelos desmandos da política econômica.

## O Natal do Interior

Lá em Promissão, onde eu vivi até os oito anos de idade, o Natal era esperado com ansiedade. Meu avô criava porcos, galinhas e patos. Plantava mandioca para o Natal. Eu não sabia que era o nascimento de Jesus, mas ficava muito contente. Na minha casa passávamos muitas dificuldades de não ter até o que comer. Mas quando ouvia dizer: "O Natal está chegando", era uma grande alegria. Eu sabia que íamos ter muita comida na mesa, roupa nova e minha avó iria fazer os doces de que eu tanto gostava: pamonha, curau, bolo de mandioca e de milho. Meu avô e meu pai eram encarregados de assar o porco. Meus tios se dividiam — uns iam pescar e outros caçar.

As crianças colhiam frutas, mangas, goiabas, carambola, jambo, jaca. Isso era a sobremesa. Minha mãe e minhas tias ajudavam a fazer o almoço mais esperado do ano. Nesse dia toda a família se reunia, juntavam as mesas e enchiam de comida, frutas e doces caseiros. Os donos da casa abriam os dois lados da porta. Filhos, netos e quem quisesse entrar, conhecido ou não, eram todos bem-vindos para sentar à mesa com toda a família.

Enquanto todos estavam sentados em torno da mesa, as crianças eram servidas primeiro, de quase tudo, menos vinho. Mas quando os adultos se distraíam, eu, meus irmãos e primos, mais que depressa, tomávamos o vinho dos adultos e eles ficavam zangados, sem saber quem tinha bebido.

Hoje o Natal não é mais assim. Tudo tem que ser comprado. Quem não tiver dinheiro fica sem. E as casas estão de portas fechadas.

Nós éramos ricos e não sabíamos!

Márcia Cristina do Nascimento  
Jardim Valo Verde

Ridacão:

Sob o Natal

No dia 25 de dezembro, nasceu o menino Jesus e todos os pessoas ficaram alegres. as crianças, homens e mulheres viram Vê-lo trazendo presentes, pobres ou ricos.

— perto do estábulo, onde dormia o menino Jesus num bico de palha, havia uma árvore de natal.

Lá no céu, as estrelas começaram a brilhar o lindo anjozinho alçou para o alto e chamou-as no mesmo instante elas desceram com boa vontade e foram colocar-se sobre as ramas da árvore de natal que ficou logo iluminada!

Lá no berçário, dentro do estábulo, os anjos do celestino Jesus brilharam ao ver aquela árvore tão bonita! É por isso que as pessoas até hoje enfeitam com luzes a árvore na véspera de natal.

É um dia também que todas as pessoas da família e as amigas comparecem e fazem um baile, como se estivesse todo mundo se preparando para uma vida nova.

Maria José Bicantina

São Paulo 05.12.90

Senhores donos da casa  
meninos desta folia  
povo inteiro desta sala  
que assiste a nossa alegria  
continuemos o baile  
o coração nunca esfria  
quem dança os males espanta  
e o peito desanuvia  
continuemos o baile  
agora e em cada dia.

Venham, estrela, lua e sol  
neste sagrado momento  
bailar em grande recinto  
louvar pelo nascimento  
dançar na roda do dia  
da noite e do firmamento.

Venham homens e pastores,  
crianças e bichos também  
a função já principia  
ao baile Deus Menino vem  
nesta hora de alegria  
brincar é o que nos convém

#### Pastoril do Nordeste (autor desconhecido)

Senhores donos da casa  
Jesus, José e Maria  
queremos fazer um baile  
que emenda a noite no dia  
pois quando nasce um menino  
renasce toda a alegria  
por mais humilde que seja  
é a vida que se cria  
é a esperança do mundo  
que com ele se anuncia.

Senhores donos da casa  
Jesus, José e Maria  
o baile aqui não termina  
o baile aqui principia  
do mesmo jeito que o sol  
se refaz a cada dia  
da mesma forma que a lua  
quatro vezes se recria  
do mesmo tanto que a estrela  
repassa a rota e nos guia.







# REDAÇÃO LIVRE

**N**este ano, os monitores se sentiram bem à vontade para propor formas diferentes de redação.

O princípio foi este: o *aluno pode escrever tudo o que quiser* — cabe ao monitor criar as condições que propiciem a produção escrita. Alguns exemplos:

1. Apresentar recortes sugestivos, tirados de revistas — deixá-los numa caixa, na sala de aula. O aluno escolhe um deles e escreve o que a gravura lhe sugerir. É o caso de Hermogênea, que escolheu uma cédula do tempo dos cruzados, e da Silvina, ao recortar uma casa. Outra forma é o aluno recortar da revista e criar a redação a partir do que escolheu. O Márcio Hirata aproveitou para fazer uma análise da situação do trabalhador, a partir de uma geladeira "abastada".
2. O monitor pode pedir para os alunos trazerem rótulos, propagandas de produtos de supermercado ou mesmo de medicamentos. É o caso da Silvina, do Jardim Valo Verde, para quem a propaganda do açúcar União sugere uma receita de bolo.
3. Há todo um universo simbólico que pode ser explorado no trabalho da linguagem escrita — objetos de estimação, objetos ligados à vida e ao trabalho — enxada, sementes, terra, planta... Como exemplo, apresentamos a redação de Marina, "Meu anel".

4. Textos ligados ao cotidiano das pessoas: contas de água, de luz, contrato do terreno, placas, rótulos, bulas de remédio, documentos pessoais como registro de nascimento, carteira de trabalho.
5. A carta faz parte da vida dos alunos migrantes — eles sonham com o dia em que não vão mais precisar escrever "com a mão dos outros", como eles mesmos dizem. O Seu Luiz, mesmo estando no estágio alfabético, já escreve para os seus parentes no Nordeste.
6. Textos formais — livros didáticos, jornais, revistas. A pesquisa do monitor em busca de textos terá de ser permanente.
7. Textos da literatura erudita e da literatura popular — poesia de cordel, letras de música, ditados, lendas, alegorias, fábulas, adivinhações, quadrinhas, desenho, caricatura e também histórias em quadrinhos.

Disso se conclui a necessidade de preparo do monitor para saber lidar com tantos textos *misturados e escondidos na realidade do dia-a-dia*.

8. Recortes de revistas ou jornais.  
O aluno escolhe, explica para o grupo o porquê de sua escolha e em seguida escreve sobre o seu tema.



geladeira era e de lente rica  
pobre não pode copra quando  
pode copra não pode  
botar nada na geladeira  
porce não tem deiro  
po tem para compra comida  
para os filo  
o pobre so vai para frente  
quando leva topada.

Marcio de Jesus Firata



Embú, 5 de novembro de 1990

Esta casa representa um dos meus sonhos, eu sonho muito com uma casa grande e acabada com quarta para os meus filhos porque é muito ruim os filhos dormem no mesmo quarto da mãe porque tira a liberdade do casal e também dos meus filhos.

Silvina Fernandes



Maria das Neves Lebrão  
barramento Costa

Sapato enço para povo  
barfins

O sapato é muito importante  
para o povo brasileiro.

Propaganda — Sempre com a preocupação do debate e da produção de textos pelos alunos.



Bob caseiro

4 ovos

4 colher de manteiga

3 xícara de farinha de trigo

3 xícara de açúcar

2 xícara de leite

1 colher de fermento em pó

Silvina



compra

quem a compra representa  
alimentos muita gente pode  
fazer uma compra grande  
mais muita gente não pode  
porque tem muita coisa  
mais quem não pode  
comprar muita coisa  
compra mais pouco  
porque as coisas estão  
muito cara mais o  
poco com deus é muito  
o muito sem deus é nada.  
Valdir Carlos de Jesus



**FEIJÃO**  
**Patense**

O feijão é a esmola do pobre  
mais está cada vez mais caro.

Silvina Fernandes


Propaganda — Utensílios, objetos pessoais, eletrodomésticos, uma nota de dinheiro...

O aluno escolhe, recorta e escreve o que pensa.

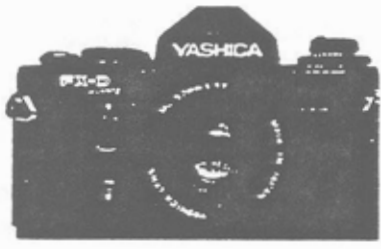

Tudo serve de *pretexto* para que o aluno possa produzir o seu texto!

E, ao produzir o texto, ele estará fazendo uma leitura do *contexto* social, econômico, político que o cerca.



Hermozena





O dinheiro é para a gente comprar alimentos  
com o dinheiro a gente compra tudo só  
mas compra a felicidade.

Eu acho bonito mais não passo  
comprar

na televisão as propagandas  
são enganosas

os ricos pode tudo até enganar a pobre  
maria aparkida almeida Santos

Objeto de estimação: Importante trabalhar esse tema. Por meio de objetos, os alunos estarão resgatando sua história, sua cultura, sua visão de mundo.

meu anel

Esse anel é o meu objeto de estimação  
 É aí um presente que eu ganhei da  
 meu pai  
 Quando eu fui passear na varte  
 oloje meu pai está velho e deente  
 Ele pediu que não desse fim nesse anel  
 É como uma grande aliança que  
 meu pai me deu  
 não deu não vendo nem troco  
 por nada esse anel de estimação  
 não é de ouro nem de prata  
 é um simples anel de lata.

EMBU, 10-12-90 marina Oscar da Silva

Carta: Os alunos migrantes esperam com ansiedade o dia em que já poderão escrever cartas para os parentes. Esse tema tem de ser trabalhado com muito carinho pelos monitores.

Embu 28 de agosto de 1990  
 a amigo Joze o hsi me pto  
 noticia i no memo tempo  
 labor como va voce tubem  
 po que garça a sa de su  
 vamo nido bun ai  
 É statu bun a Joze a que é s-  
 ta tudo bun a te u bidomano -  
 Eu vo para ai para  
 fazer o tar casa po que -  
 é sta casa vo demeli para  
 fase o tara o viu a que  
 não damasi para viver  
 po posi é so temi no can  
 muta lendar para voce -  
 itodoso ai Luiz Martins mlto  
 Purma da noite  
 Monitoris Angela e Emelija

72

---

3<sup>a</sup> P A R T E

---



ATIVIDADES  
EM  
SALA DE AULA



# ATIVIDADES

**E**ssas atividades e jogos são feitos sempre a partir do texto ou do tema estudado e debatido entre todos.

Ao monitor cabe decidir quais atividades podem ser feitas por toda a classe, quais podem ser feitas em grupos e quais as que se adaptam a este ou àquele nível de conhecimento da escrita.

## 1. IMAGEM E PALAVRA

— Recortar gravuras e escrever o nome de cada uma:

maria das Graças de paiva  
Embru 04-10-90

salada      fruta      molda  
televisão      frigideira      bola  
dinheira      taca      cebola

Jd. Isis Cristina

casa  
sofa      bola  
arara      televisão      ham  
teclado      barco

Embru-04-10-90  
Luciene ekatos Santana

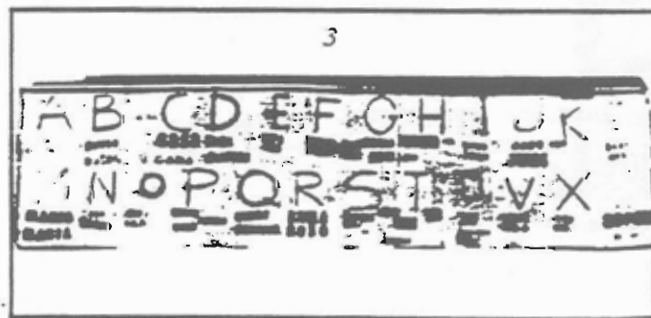
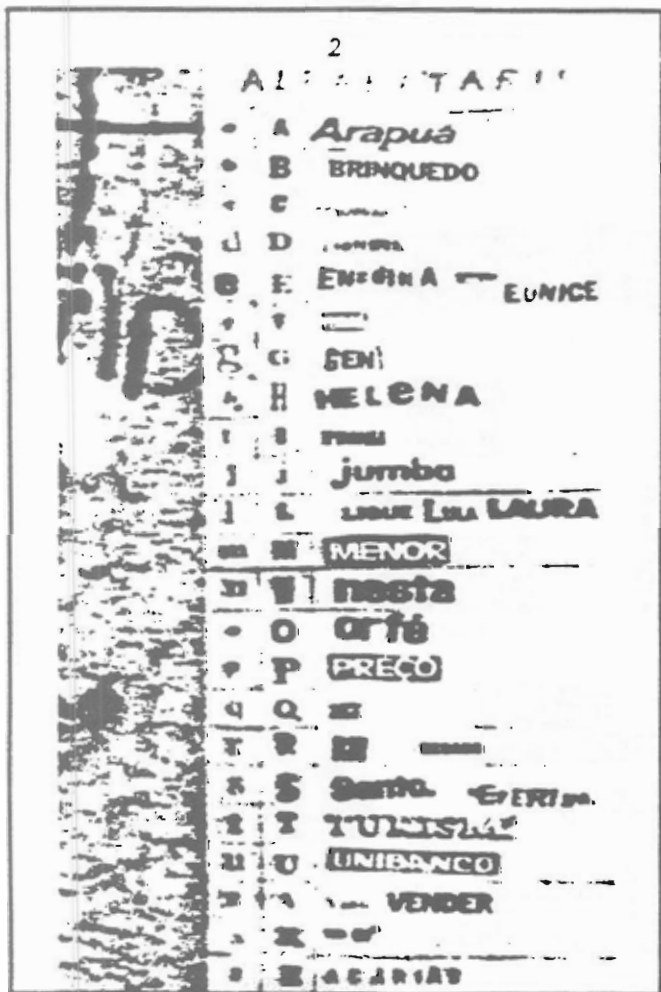


2. ALFABETÁRIO E SILABÁRIO

Alfabetário com figuras e palavras:

1. Num cartaz onde aparecem as letras do alfabeto em maiúscula e minúscula, os alunos vão colocando, à medida que as aprendem, palavras que comecem com aquelas letras acompanhadas de figuras (colagem).
2. Num segundo momento, os alunos poderão compor um alfabetário só com palavras, usando letras de todos os tipos — de jornais ou revistas, propagandas de produtos de supermercado... (palavras com 2, 3 e até 4 sílabas).
3. À medida que for aprendendo as letras, cada aluno poderá compor o seu alfabetário (um caderno em branco de desenho ou folhas de computador). Uma folha para cada letra.

- (1) Alfabetário coletivo — Jd. Isis Cristina
- (2) Alfabetário individual — Jd. Casa Branca
- (3) Alfabetário coletivo — Jd. Casa Branca



Silabário:

1. Quando o aluno já souber distinguir a sílaba, pode-se construir com ele o silabário. A cada palavra nova ele separa as sílabas e as coloca no quadro, sem a preocupação de completar o quadro. O trabalho é um processo. Aos poucos, ele descobre as famílias silábicas.
  - Pode-se montar o silabário fazendo pregas no papel, de forma que o aluno possa movimentar à vontade os cartõezinhos das sílabas para construir ou decompor palavras.
  - Vários jogos podem ser criados a partir desse silabário com cartões móveis. É um convite à criatividade dos monitores.
2. Recorte de palavras em ordem alfabética

| SILABÁRIO            |   |   |   |   |   |
|----------------------|---|---|---|---|---|
| Vogais<br>Consoantes | A | E | I | O | U |
| B                    |   |   |   |   |   |
| C                    |   |   |   |   |   |
| D                    |   |   |   |   |   |
| F                    |   |   |   |   |   |
| G                    |   |   |   |   |   |
| H                    |   |   |   |   |   |
| J                    |   |   |   |   |   |
| L                    |   |   |   |   |   |
| M                    |   |   |   |   |   |
| N                    |   |   |   |   |   |
| P                    |   |   |   |   |   |
| Q                    |   |   |   |   |   |
| R                    |   |   |   |   |   |
| S                    |   |   |   |   |   |
| T                    |   |   |   |   |   |
| V                    |   |   |   |   |   |
| X                    |   |   |   |   |   |
| Z                    |   |   |   |   |   |

**América**  
**Alunos**  
 Argentina  
**Aires**  
**Aurora**  
**Antunes**  
**BANCO**  
 Berto,  
**Baltasar**  
**bancas**  
**Brizola**  
**Buenos**

*Vilma Santana Souza*  
 09-05-90  
 Id. São Marcos

**AMER** **ca**  
**CE GO**  
**DIA NA**  
**BRIGIDA**

**FILE**  
**GIMBA**  
 Hóspedes:  
**INCLUSIVE**  
**JÁ.CA**

liga

marcia Aparecida da S.pinto  
 Id. Isis Cristina

3. Recortar e classificar de acordo com o número de sílabas



Embu 23 de abril de 1990  
 escrever 5 palavras com uma sílaba:  
 Meu tão "Qual "Por Não"  
 meu tão "qual "por não  
 escrever 5 palavras com 2:  
**sabor para sopas novas** PLE  
 sabor para sopas novas ple.  
 escrever 5 palavras com 3:  
**beleza completo avião problema**  
 beleza completa avião problema  
**semana** (monitore-Nice-S.Marcos)  
 semana  
 escrever 5 palavras com 4:  
**ALMOFADA Apinhado Arranhar instrumentos terminado**  
 Almofoada Apinhado Arranhar instrumentos terminado

Embu 19-10-90      Embu 23-10-90

**EMA**      **Mato**  
**FUBA**      **NAVIO**  
**GATO**      **OVO**  
**hora**      **PAI**  
**LITA**      **QUERO**  
**ITAU**      **RAIO**  
**Joana**      **Sapo**  
**KATIA**      **TATU**

Id. Isis Cristina

4. Formar palavras

Embui 23 de abril de 1990

escreva 5 palavras com uma sílaba

São por Que Não

São por que não são

escreva 5 palavras com duas sílabas

MAIS BEUS UMA

FACA MICA

CADERA AVIDO cruzado defesa bonita

Cadeira avião cruzado defesa bonita

GUARDANAPO

gallardarapo perdidas

Sonia

P

p

R

r

Q

q

Inheiros

Pich

nullista

AULO

ai

ola

ESUMO

oda

ACIONAL

Roma

ue

uestão

unker

ven

ualidade

Jd. Casa Branca

junte as sílabas e escreva as palavras

vo

cação

to

tomos

tação

ton

ador

maria milga

ertado

romtojem

latação

lontade

ertatal

lutaola

es

van

vo

van

es

ta

do

gem

ção

de

tal

va

Rodrigues marena

Embui 16 de outubro de 1990

5. Escadinha — Palavras-cruzadas —  
Caça-palavras

São paulo 03-9-90-

Escadinha com a letra A

|   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |    |    |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|
| A | S | 2 |   |   |   |   |   |   |   |    |    |
| A | T | E | 3 |   |   |   |   |   |   |    |    |
| A | L | E | M | 4 |   |   |   |   |   |    |    |
| A | G | O | R | A | 5 |   |   |   |   |    |    |
| A | C | E | S | S | O | 6 |   |   |   |    |    |
| A | B | S | U | R | D | O | 7 |   |   |    |    |
| A | C | O | N | T | E | C | E | 8 |   |    |    |
| A | S | S | I | N | A | D | O | S | 9 |    |    |
| A | S | S | U | S | T | A | D | O | R | 10 |    |
| A | S | S | E | M | B | L | E | I | A | S  | 11 |

maria dos dragões de paiva

|     |     |     |     |
|-----|-----|-----|-----|
| na  |     |     |     |
| um  |     |     |     |
| co  | mo  |     |     |
| po  | de  |     |     |
| a   | pe  | na  |     |
| na  | ci  | do  |     |
| ver | me  | lha |     |
| a   | ma  | re  | la  |
| es  | ora | rei | zar |

ana Rita Lima de Souza

Atividade feita a partir da poesia de Milton Nascimento e Fernando Brant "A Cor do Homem" (palavras com 1, 2, 3 e 4 sílabas)

Da Carta Aberta sobre Transporte Coletivo no Embu

Gerson de Jesus Santos

|   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| C | O | S | I | N | H | E | I | R | A |
| F | A | X | I | N | E | I | R | A |   |
| O | V | O |   |   |   |   |   |   |   |
| F | E | S | T | A |   |   |   |   |   |

SORVETE  
BOLA  
MEDICO  
OSSO

Jose de Souza Xavier

|   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| E | N | G | E | N | H | E | I | D | O |
| C | A | C | H | O | R | R | O |   |   |
| V | E | S | T | I | D | O |   |   |   |
| O | L | H | O |   |   |   |   |   |   |
| R | E | L | O | C | I | O |   |   |   |

ONIBUS  
PORCO  
SAPATO  
SOL

Em 19 de novembro de 1990

nome Silvana Fernandes

Jogos de palavras cruzadas procuradas em formais:

1 comunicação

2 social

3 trocas

4 maravilhas

5 você

6 dedicada

7 desenvolvimento

8 esperança

9 internacional

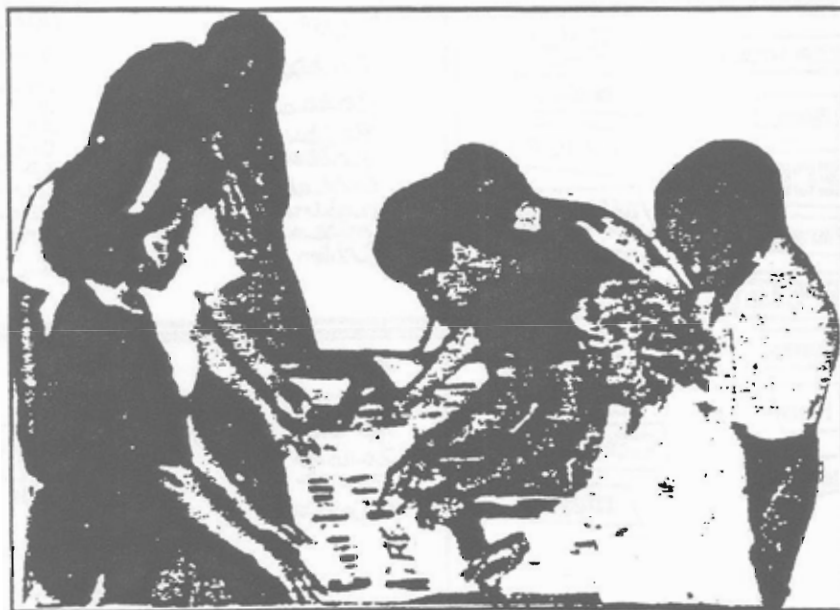
10 oferta



monitonas Glória e Cecília  
Melo Verde

Descubra o nome dos alunos da classe  
(11 nomes)

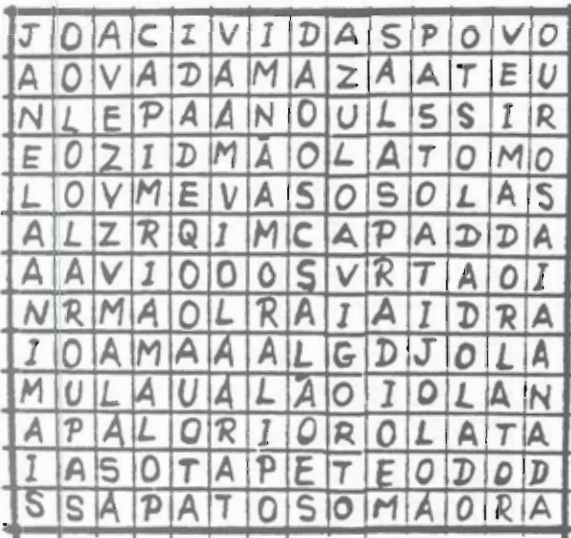
Jardim Casa Branca



Grupo do Jardim Taima

Caça-palavras colorido!

São 35 palavras aqui escondidas e de cores diferentes... Achou? (Jd. Casa Branca)



6. Reconhecimento de letras, sílabas... palavras

Maria Aparecida Silva Lima  
São Paulo - 30-07-1990

SS ASSINATURA  
dissol. fosse  
A ESSÊNCIA  
Assine CLASSICO  
assim: ISSO PASSPORT

RR Sorria  
Garrefour SARRA  
CORRA Ferraz  
SORRIR. ARROZ

ARMESSO

Os tipos de r:

LIBERDADE  
marca  
Perfeição  
VIRA  
HORAS  
CARTÃO  
natureza  
imortal  
Adorável  
mentiroso  
América

REVOLUÇÃO  
ronda  
ruas  
RESPOSTA  
Radar  
RECEBA  
rurais  
REPETE  
Rumo  
riso  
Romário

CARÁTER  
declarar  
ganhar.  
motor  
traidor  
VIVER  
MELHOR.  
PORTADOR.  
fazer  
Leitor  
cantar  
maior

Itoni Amelcio melisio

São Paulo 10-9-90  
Fazer palavras com dois "rr"

Passarinho  
Passarela  
Paipe  
Passado  
Lassado  
assinale  
miba  
Abim

cigarro  
malarrão  
barriga  
burro  
errado  
carreta  
carreinho  
carro  
carroça  
marroto  
ferramenta

marra  
carra  
narra  
ferra  
marra  
parra  
marra

Carta  
carta  
caramel  
fraternidade  
marcia  
parra

lizarzela  
TABOÃO DA SERRA

Para fixação da letra "H"

**toalha**

toalha

**choque**

choque

**conhece**

conhece

**trabalhar**

trabalhar

**melhor**

melhor

**Guarulhos.**

Guarulhos

**Chegou**

Chegou

**OLHO**

olho

**sozinho.**

sozinho

**VENHA**

venha

celina romiguê Batista

São Paulo 29.08.90  
maria dos Graças de Paula  
palavras que começa com - "im"

metadeas  
município  
morma e muita  
mulher  
metropolitana  
morato  
municipal  
município

com a letra "A"

atendimento arisando  
assustado assuma  
acontece aumento  
acessa acidentadas  
abstrusa  
assembleias  
agora  
ano  
acita  
acompanhar  
afim  
atrais  
ate  
assinados

Embr, 18 de outubro 1990  
nome Ana Irene Alves dos Santos

bloqueia blo

rebelde bel

Bahia ba

balanço ba

bomba lom

dobrado bra

saborosas so

BARRA. bar

SABER ler

baixa bai

SETEMBRO de 1990 MARIA SOCORRO de Santana

S/no começo

**SUNDOWN**

**sabor,**

SEU  
sua SOLA

SOCIAL

**Safári**  
sempre

**salários**

**SOL**

**SAMELO**

Sono

S/no meio

**POSITION**

**LOJISTA**

**ASPARTAME**

consegue

CLASSE

Pradadomo

**AVISO**

**BRASIL**

prisão

prestígio

custa

**desafia**

S/no final

através

**CONVECTORES**  
**RESISTORES**

empresas

Bronzeadores  
Filtros  
MAIS

terias.

**CARTEIRAS**

**boas**  
**duas**

TABOÃO DA SERRA



— Palavras escolhidas nos jornais

Embu 18 de outubro de 1990  
Ana Rosa de Lima

**CASA**

ca

Secretário  
controle  
pacote

cre

con

co

TENDÊNCIAS:

cia

**chama**

cha

contra

con

CONCENTRAÇÃO

con

centraliza

cia

TECNOLOGIA

con

CARTA

car

PARCEI

cei

**Collor**

col

## 7. Construção de frases

— Palavras tiradas de um texto estudado:

Carta Aberta à população sobre a "Tarifa Zero"

1. minha família vai a cidade.
2. vou levar pão e leite para cada
3. não procurar emprego para rece.
4. eu vou a escola para estudar.
5. meu filho vai a escola para  
estudar e aprender.

ana Rita Lima de Souza

frases formadas com palavras  
tiradas do jornalzinho da tarifa  
zero.

**aposentados**

Aposentados são pessoas que  
já trabalharam muito

**bancárias**

Os bancários são funcionários  
que ganha um bom salário.

**Quêrcia**

Quêrcia é um governador muito  
de safado.

**grana**

Eu estou precisando de muito  
grana.

Barriga Minha barriga está  
doendo e roncando.

## 8. Recorte de palavras que o aluno já sabe ler

Embu 29 de maio 1990

Luiz Marciana Rosa

as às telas todas

**letras** épocas

LANÇAMENTOS Histórias'

Serres espécie

Clássico Strauss

Semana poesia

AMIGAS

POESIA

Embri, 6 de novembro de 1990  
Alice Ferreira da Silva Melo

**para a**

morto

**a nova NOITE**

**LADO** **Você** *fruta.*

*pela*

*dia -Teto Copa*

**fio**

*Estou muito feliz  
por eu já sei ler*

**reta**

**Jogo**

**Fera**

**SOL**

**Roma,**

**vai.**

Recorte e cole nesta folha  
palavras que você já sabe ler.

monitoras - Glória e Ceuda-Valo Verde